

Os Celtas e o Espiritismo



Eugenio Lara

OS CELTAS E O ESPIRITISMO

EUGENIO LARA

Edição Digital:

PENSE – Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

Revisão: José Rodrigues

Produção: Eugenio Lara

Capa: Triskele, símbolo celta

Setembro de 2010

◆ 1. PREFÁCIO - DRUIDA OU “DE DEUS?”	3
◆ 2. PRÓLOGO	8
◆ 3. OS CELTAS	13
◆ 4. OS DRUIDAS	24
◆ 5. AS TRÍADES	35
◆ 6. O DRUIDA DE LORENA	46
◆ 7. O DRUIDA DE LYON	54
◆ 8. ALLAN KARDEC: CELTA OU NORMANDO?	68
◆ 9. DIA DOS MORTOS: DOS CELTAS AO KARDECISMO	84
◆ 10. O PROLEGÔMENOS E OS CELTAS	93
◆ 11. APONTAMENTOS FINAIS	100
◆ BIBLIOGRAFIA	104

1. PREFÁCIO

DRUIDA OU “DE DEUS”?

Dalmo Duque dos Santos (*)

De todas as perguntas que me fazem sobre espiritismo, a mais desafiadora é aquela que quer saber se a nossa doutrina é de Deus. Penso em todas as respostas possíveis, incluindo a primeira pergunta de *O Livro dos Espíritos*, mas nessas horas sempre me lembro dos druidas: *se Deus é tudo, o começo e o fim; é a natureza de todas as coisas; somos nós e tudo que existe no Universo; sim: o espiritismo é de Deus.*

Mas por que nós, os espíritas, nos interessamos pelos druidas?

Dependendo do interesse na busca do conhecimento, o druidismo, como todas as demais temáticas misteriosas do tempo histórico, pode assumir diversos significados para o investigador espírita: o médico pode se interessar pelas suas práticas curativas, o jurista pelas suas normas éticas, o sociólogo pela sua rica variedade de manifestações culturais no campo das crenças, dos valores e dos costumes. Da mesma forma, o investigador das artes gostaria de compreender melhor a estética dos seus símbolos ou da também misteriosa arquitetura de pedras.

Como historiador, me interessaria facilmente por qualquer uma dessas possibilidades, mas como educador

me chama particularmente atenção o caráter iniciático da escola druídica. Ser druida implicava numa série de ações e atitudes que estavam fora de cogitação para o homem celta comum. Era preciso ingressar num sistema espiritualmente seletivo. Ser “De Deus” e cultivar os Carvalhos Sagrados ia muito além de garantir a sobrevivência do corpo e proteger-se contra os ataques dos inimigos vivos. Eles se interessavam pelos mortos que não estavam mortos. O druida tinha uma visão de mundo diferenciada, um olhar elitizado que só uma educação especial poderia dar conta e garantir sua continuidade. Daí a escola, um ambiente especial, a necessidade de apropriar-se de conhecimentos incomuns, essenciais para preservar uma cultura que já era milenar no apogeu de sua existência social.

Então, como um druida se tornava druida? Que conhecimentos eles dominavam e que uso eles faziam dessa ciência que, para a maioria, era oculta e secreta?

Tal escola, como os demais elementos antropológicos desses grupos, nos revelaria não somente a concepção de mundo ou a cosmogonia dos celtas, mas principalmente as conexões históricas com outras culturas e que poderiam explicar melhor as suas características e influências no tempo presente.

Essa é a espinha dorsal deste curioso trabalho de pesquisa de Eugenio Lara. Ele quer saber como responder todas as perguntas que se fazem sobre esse tema, mas, sobretudo, quer explicar por que fazemos essas perguntas.

Fazendo isso, ele pretende sair do lugar comum da curiosidade passiva e chegar ao ponto-chave da sua pesquisa.

Existe alguma relação histórica entre espiritismo e celtismo?

Essa é a principal questão que este ensaio levanta. Tal questão foi também uma das muitas que intrigou Allan Kardec nas suas reflexões sobre as raízes e múltiplas dimensões da Doutrina que ele sistematizou: o mundo dos espíritos que se abria no século 19 era o mesmo que era cultivado com grande naturalidade pelos gauleses e que era da esfera de domínio dos druidas? A técnica utilizada nas brincadeiras de mesas-girantes ou pelos médiuns para consultar os espíritos eram as mesmas utilizadas pelos sacerdotes druidas? A “roc” ou pedra falante dos gauleses era a mesma que apoiava a cesta de bico nas primeiras reuniões espíritas de Paris e em praticamente todas as grandes cidades do mundo naquela época?

O druidismo é parte fundamental da história européia pré-cristã, assim como o cristianismo foi no período subsequente ao domínio romano. Quando esse raciocínio é aplicado na história da França, o druidismo assume então um significado mais fundamental ainda; trata-se, pois, do elemento que, de certa forma, dá identidade às mais remotas experiências sociais dos franceses. Os gauleses, povo que mais se identifica com o perfil francês, tinha no druidismo a sua base ideológica e sua principal fonte de conhecimento. Queriam conhecer as coisas desse e do outro mundo. Não foi à-toa que os criadores de Asterix atri-

buíam ao seu sacerdote druida os poderes mais impressionantes para desafiar os invencíveis romanos.

Se o espiritismo tivesse aparecido originalmente no Brasil, a mesma dúvida seria aplicada à visão de mundo da cultura animista, africana e indígena. Tanto é que, quando chega ao Brasil, o espiritismo foi imediatamente utilizado para dar nome aos fenômenos que aqui aconteciam há séculos. Mais ainda: em muitos cultos afro-indígenas, a nomenclatura espírita foi institucionalizada, como forma de legitimar socialmente aquilo que na França era assunto da ciência e de filósofos. Quando se tornou uma ameaça ao clero, virou coisa socialmente baixa, de negros, índios e mestiços. Também na França, quando o espiritismo se estruturou como filosofia, deixando de ser brincadeira de mesa, passou então a ser visto como ameaça ao conhecimento das religiões dogmáticas. Os inimigos logo trataram de associá-lo ao druidismo mítico do imaginário popular: a religião pagã que fazia sacrifícios humanos e disseminava a loucura coletiva.

Todos os anos milhares de turistas que visitam o cemitério de Père-Lachaise, em Paris, ficam intrigados ao perceber que, das centenas de túmulos construídos de forma tradicional, um se destaca de todos os demais. É uma construção de pedras, um típico dólmen fúnebre dos celtas. É o túmulo de Allan Kardec, o mais visitado daquele lugar e o que permanece constantemente ornamentado por flores. Alguns acham somente curioso. Outros tantos sabem que se trata de uma tradição celta. Poucos se dão conta de que o fundador do espiritismo adotou um pseu-

dônimo que justifica aquela arquitetura tão singular. E pouquíssimos sabem as verdadeiras razões daquela estranha edificação e também o significado da frase que foi gravada na parte superior daquele dólmen. Estes últimos são os leitores deste ensaio. Querem respostas. Mais do que isso, querem saber se estão fazendo as perguntas que deveriam ser feitas. Como os druidas, são curiosos natos. São de Deus.

Boa leitura!

(*) **Dalmo Duque dos Santos**, historiador, educador e escritor, é autor dos livros: *Inteligência Espiritual*, *Você em Busca de Você Mesmo*, *História do Espiritismo* e *Transforme Seu Mundo Interior e Seja Feliz*.

2. PRÓLOGO

A coincidência entre o que hoje nos dizem e as crenças das mais remotas eras é um fato significativo do mais elevado alcance.

(Allan Kardec)

As relações existentes entre o pensamento filosófico do povo celta e a filosofia espírita é um dos temas muito pouco conhecidos e abordados pelos estudiosos do espiritismo. Desde Allan Kardec e Léon Denis, não há nenhuma obra que tenha se aprofundado neste assunto.

No Brasil, o filósofo espírita Herculano Pires foi um dos poucos que analisou a questão, mas bem superficialmente. Assim como Pedro Granja e Bezerra de Menezes. O historiador espírita Eduardo Carvalho Monteiro escreveu, em 1996, o livro *Allan Kardec (O Druida Reencarnado)* sem, contudo, se aprofundar no tema. Estudiosos do assunto como Mauro Quintella e Gláucio Grijó têm produzido artigos a respeito. No entanto, a produção cultural espírita ainda se ressentir de uma maior abordagem sobre o tema. No prefácio explicativo do livro *Léon Denis na Intimidade*, de Claire Baumard, o escritor e tradutor Wallace Leal V. Rodrigues faz um breve estudo acerca da tradição céltica, a partir do texto de Allan Kardec, *O Espiritismo Entre os Druidas*, publicado na *Revista Espírita* (abril de 1858) e do livro póstumo *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, de Léon Denis, recheado ainda por algumas informações históricas. Tanto a *Revista Espírita* como este último livro de Denis, escrito em 1927, já verti-

do para o português (1995), eram na época pouco acessíveis. Wallace escreveu o citado prefácio em 1981.

O Gênio Céltico, numa primeira leitura, aparenta ser uma obra definitiva sobre o tema. Entretanto, Léon Denis dá muito mais vazão ao seu patriotismo, ao seu espírito nacionalista e poético do que a uma abordagem mais filosófica. Segundo ele, o resgate da alma celta seria um contraponto necessário ao espírito latino que permeia o caráter francês, desde que o imperador Júlio César subjugou a Gália (52 a.C). “Todas as grandes e nobres facetas do caráter nacional, herdamos dos gauleses. A generosidade, a simpatia pelos fracos e oprimidos nos veem deles.”¹ Já Allan Kardec, em seu estudo sobre os druidas, procura estabelecer alguns paralelismos doutrinários, tentando identificar no evolucionismo druídico, possíveis correlações com o evolucionismo espírita.

Para quem considera essa questão irrelevante, é oportuno lembrar que o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, fundador do espiritismo, assumiu o pseudônimo Allan Kardec na autoria de suas obras espíritas, nome este supostamente retirado de uma de suas encarnações como sacerdote druida. Segundo revelações de seus guias, ele provavelmente teria vivido entre os gauleses, povo de origem celta e natural da Gália antiga, ou na antiga Bretanha armoricana, antes de reencarnar como o reformador tcheco Jan Huss (1369-1415). Seu túmulo foi construído no formato de um dólmen, monumento erroneamente atribuído aos druidas,

¹ Léon DENIS, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, p.35.

modelado por uma grande pedra horizontal, como se fosse uma laje, assentada sobre pedras verticais.

O grande filósofo espírita Léon Denis se considerava um gaulês reencarnado, como ele mesmo afirma: “Quando, sob a inspiração de meu guia, eu exploro as camadas profundas de minha memória para reconstituir o encadeamento de minhas vidas passadas, se eu remonto às origens, aí reencontro, não sem emoção, os vestígios de minhas três primeiras existências vividas na Terra, no oeste da Gália independente.”² Sir Arthur Conan Doyle, o célebre escritor britânico, criador de Sherlock Holmes e espírita convicto, chamou Léon Denis de “O Druida de Lorena”, no prefácio da edição inglesa de *Joana D’Arc (Médium)*, por ele traduzida. “Era realmente um antigo sacerdote e guerreiro celta que enfrentara nas Gálias os conquistadores romanos”,³ afirma Herculano Pires, referindo-se a Denis.

Trata-se de um tema apaixonante, notadamente quando penetramos no universo céltico, onde o mito e a história se confundem. E também, quando percebemos que a grandiosidade da cultura celta e sua influência sobre o Ocidente são tão importantes quanto a cultura greco-romana.

Estudos recentes sobre esta civilização, desenvolvidos por historiadores sérios como Jean Markale, Robert Ambelain e Ward Rutherford, demonstram que, apesar da ausência de documentos e fontes históricas mais precisas,

² Ibid., p. 79.

³ Herculano PIRES, *O Centro Espírita*, p. 113.

a importância da tradição céltica necessita ser revista. Desprezar a sua cultura, por ser de origem pagã, é assumir o mesmo preconceito dos cristãos, entremeado ainda por uma concepção academicista, que descarta determinados temas históricos por falta de documentação. O celtismo é, sobretudo, uma questão de ordem antropológica e arqueológica. Está bem longe de ser uma temática de caráter estritamente esotérico, espiritualista.

Allan Kardec situou a tradição filosófica do espiritismo a partir de Sócrates e Platão, a quem elegeram como precursores da filosofia espírita. Se na época o fundador do espiritismo possuísse as informações históricas que temos hoje sobre os celtas, possivelmente ele os colocaria lado a lado com os grandes filósofos gregos. Podemos afirmar, de forma categórica, e sem sombra de dúvida, que **a tradição filosófica espírita não é exclusivamente cristã**. Ela também é profundamente céltica e greco-romana. Parece ser uma afirmação antidoutrinária, pois o próprio Allan Kardec considerou o espiritismo como uma revelação (a terceira), não no sentido religioso, látrico, é claro, mas no sentido científico, informático e pedagógico. Revelação esta diretamente vinculada a Moisés e Jesus de Nazaré, representantes, respectivamente, da primeira e segunda revelações divinas. Tese altamente questionável, pois ficam de fora desta elite de reveladores toda a tradição védica, os ensinamentos de Confúcio, Hermes Trismegisto, Krishna, Buda, enfim, toda a cultura oriental, e obviamente, a filosofia celta.

O tema é complexo e a bibliografia especializada no Brasil, muito escassa. Some-se a isto a ignorância generalizada acerca da importância desta questão. Não é tarefa fácil.

Léon Denis, cego e alquebrado, no fim da vida, e segundo ele, sob insistência de seu guia, Jerônimo de Praga e do espírito de Allan Kardec, assumiu a feitura de seu derradeiro livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, uma síntese histórica sobre os celtas, já iniciada de *en passant* em obras anteriores. Um trabalho hercúleo, expressão manifesta da grande dedicação de Denis ao espiritismo, mas que não esgotou o assunto. Ao contrário, abriu novas sendas, já iniciadas por Kardec na *Revista Espírita*. É o que pretendo neste modesto ensaio, dar continuidade a uma questão aparentemente marginal e sem tanta importância, mas que encerra uma infinidade de abordagens que ainda estão por serem feitas.

3. Os CELTAS

*A filosofia nasceu com os celtas e antes de ser conhecida
na Grécia, ela foi cultivada entre os gauleses,
por aqueles que se chamavam de druidas e semnoteus.
(Aristóteles)*

A origem das primeiras migrações célticas se perde ao longo da Pré-história e da Antiguidade. Os vestígios mais remotos de sua presença na Europa ocorrem a partir do início do segundo milênio a.C. O primeiro grande fluxo migratório dos celtas se deu na Idade do Bronze, por volta do século 14 a.C. Segundo os arqueólogos, é nesse período que surge na Europa Central uma civilização que se caracteriza pela língua, pelos ornamentos, vestuário, armas e utensílios: os celtas. O segundo fluxo migratório ocorreu entre 500 e 50 a.C, na segunda Idade do Ferro, como atestam os achados arqueológicos. No século 1 a.C. a Gália, a Península Ibérica, Grã-Bretanha e a Irlanda estavam todas povoadas pelos celtas. De bárbaros eles nada tinham que os diferenciasse de outros povos, inclusive dos gregos e romanos. Possuíam uma cultura bem desenvolvida e uma literatura singular, cantada e declamada pelos bardos, druidas especializados nas artes da música e da poesia.

As referências históricas mais antigas a este povo podem ser conferidas em Heródoto (480-425 a.C), historiador grego, considerado *O Pai da História*, que nos deixou uma obra histórica monumental sobre a Antiguidade. Em meados do século 5 a.C. ele menciona os celtas

na descrição da nascente do rio Danúbio, um dos mais importantes da Europa. O historiador grego Hecateu de Mileto (540-475 a.C.) faz menção a uma cidade celta chamada Nirax. Segundo ele, essa civilização era bem conhecida pelos gregos, que a consideravam um grande povo bárbaro que vivia a oeste e ao norte da região mediterrânea ocidental, indo para bem além dos Alpes. No século 4 a.C., outro historiador grego, Éforo (390-334 a.C.), inclui os celtas ao lado dos *citas*, *persas* e *tíbios*, a quem reputava como os quatro grandes povos bárbaros de todo o mundo. Um século depois, o matemático e astrônomo grego Eratóstenes (284-192 a.C.) mostra-os disseminando-se por toda a Europa Ocidental e Transalpina (para além dos Alpes).

Provavelmente a palavra celta vem de *Keltoi*, termo criado pelos gregos, usado por Heródoto, que reproduziu, foneticamente, a pronúncia nativa. No sul da Espanha o nome *Celtici*, de origem celtibérica, sobreviveu até o Império Romano. Os celtas, apesar de terem sido um povo tão espalhado e disperso, deixaram marcas profundas na cultura européia. Tanto que, a partir de topônimos, nome próprio de regiões e localidades, pode-se, em um estudo linguístico e etimológico, rastrear a influência direta do céltico nas línguas gaélica e galesa. Diversos topônimos célticos sobreviveram por muito tempo em variadas regiões de toda a Europa.

Os celtas dominavam plenamente a técnica de moldar metais como o cobre e o bronze. Eram exímios artesãos. Produziam, além de ornamentos e jóias, objetos e utensílios de uso cotidiano como o arado de ferro e vasos.

De estatura extremamente alta, possuíam uma aparência fora do comum. Lendas sobre a Escandinávia falam de “gigantes”, que vinham do norte para saquear o continente europeu. Usavam espessos bigodes, bragas, uma espécie de calça comprida e untavam os cabelos, ruivos ou castanho claros, com óleo de limão, a fim de ficarem esticados para trás. Vestiam-se com túnicas de linho até o joelho e capas por cima de toda roupa, geralmente tingidas de roxo, verde, vermelho ou de cores variadas. Tal visual deve ter inspirado o vestuário e xales do País de Gales, dos escoceses e irlandeses, com suas túnicas e vestidos quadriculados em várias cores.

Os arqueólogos encontraram em suas sepulturas uma série de objetos e ornamentos de feitura complexa para a época, demonstrando que não se tratava de um povo qualquer. Já em 1858, com a descoberta de um verdadeiro tesouro arqueológico, em La Tène, na Suíça, os arqueólogos e historiadores puderam concluir que os celtas não eram vândalos e ignorantes como se imaginava. Eles se tornaram lendários pela suntuosidade de suas ornamentações, de ouro, prata e pedras preciosas. No visual, tanto o homem como a mulher se vestiam de forma equivalente.

A importância que a mulher possuía na sociedade celta era algo incomum para a época. A lei céltica, aplicada pelos druidas, oferecia garantias e direitos às mulheres, equivalentes aos do homem. Mesmo sendo casadas tinham acesso à propriedade, podiam escolher seus maridos e, caso fossem molestadas, tinham a prerrogativa de algum tipo de indenização. Participavam da vida polí-

tica, ocupavam cargos de chefia e tomavam parte ativa em batalhas. Eram mulheres guerreiras.

Entre os celtas a mulher era extremamente valorizada. O que não implica na caracterização de uma sociedade matriarcal. A cultura celta não era matriarcal nem patriarcal. Havia um equilíbrio entre os direitos dos homens e das mulheres, favorecido pela posse coletiva da terra. Interessante observar que a noção romana de Estado, um ente abstrato com a função de apaziguar os conflitos, servir de juiz e provedor, era algo estranho aos celtas. Eles se organizavam de forma anárquica e se sujeitavam apenas ao clã.

A unidade social básica desse povo era a *tuath*, que significa clã ou tribo. E dentro da *tuath* havia as *fine*, as famílias, consanguíneas e monogâmicas. A poligamia não era reprimida e o divórcio, aceito com naturalidade. Os celtas praticavam, em sua organização social, o que poderíamos chamar de um socialismo primitivo. Tanto os homens como as mulheres poderiam receber uma gleba para cultivá-la ou criar gado. Costume extremamente anormal para os romanos, imperialistas, práticos e chauvinistas por natureza, que se tornou num dos principais motivos da sua perseguição aos celtas, notadamente aos druidas, que se constituíam no centro de gravidade da cultura céltica. Muitos hábitos celtas eram considerados subversivos pelos romanos e se constituíam numa ameaça a seu *status quo*.

O espírito Emmanuel, em *A Caminho da Luz* (psicografia de Francisco Cândido Xavier), descreve os celtas

como descendentes dos primeiros árias, oriundos da raça adâmica, descrita por Allan Kardec em *A Gênese* (cap. XI). Os árias constituíram, ao lado dos egípcios, hebreus e das castas da Índia, os quatro grandes conglomerados de espíritos **imigrantes** da Capella, erroneamente taxados de exilados. Capella é uma estrela localizada na Constelação de Auriga ou Cocheiro, distante 45 anos luz da Terra. ⁴

Dos povos primevos de raça branca da família indo-européia, os árias foram os mais independentes e arredios. Afirma o espírito Emmanuel que eles eram os mais revoltados com sua condição existencial. Sentiam-se degredados e ansiosos por conquistar um novo paraíso. “Apenas, muito mais tarde, com a contribuição dos milênios, os celtas retornaram ao culto divino, venerando as forças da Natureza, junto dos carvalhos sagrados, e os germanos iniciaram a sua devoção ao fogo, que personificava, a seus olhos, a potência criadora dos seres e das coisas, enquanto outros povos começaram a sacrificar vítimas e objetos aos seus numerosos deuses.” ⁵ A maior virtude deste povo, completa Emmanuel, foi o fato de terem assimilado, sem maiores conflitos, todos os povos

⁴ Capella (ou Cabra) é uma estrela binária de intensa magnitude, a quinta estrela mais brilhante do céu. Estrela binária é um conjunto estelar composto por duas estrelas ligadas entre si pela gravidade, somente perceptíveis mediante telescópios de altíssima precisão. Essa estrela situa-se entre a constelação de Perseu e Ursa Maior. É representada graficamente por um jovem com uma cabra aos ombros e duas crianças no braço esquerdo. A cabra representa a estrela Capella, conhecida desde a Antiguidade, gasosa e de matéria sutil, cuja densidade poderia ser confundida com o ar que respiramos, segundo afirmou o grande astrônomo e físico inglês Arthur Stanley Eddington (1882-1944).

⁵ EMMANUEL, *A Caminho da Luz*, p. 59.

autóctones que encontravam pela frente, em seus fluxos migratórios. “Enquanto os semitas e hindus se perderam na cristalização do orgulho religioso, as famílias arianas da Europa, embora revoltadas e endurecidas, confraternizaram com o selvagem e nisso reside a sua maior virtude.” ⁶

As descrições históricas e estudos arqueológicos e antropológicos confirmam a afirmação de Kardec a respeito da raça adâmica, cujos descendentes são apresentados no Gênese “como homens sobremaneira inteligentes, pois que desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências.” ⁷

De fato, todos os historiadores são unânimes em considerar a arte celta de uma originalidade fora do comum, em que pese a influência das artes helênica e cita. No entanto, a Gália foi a região que menos sofreu influência da cultura greco-romana, em função de ter se tornado um pólo de resistência, uma verdadeira trincheira em meio às campanhas romanas. De lá surgiram interessantes exemplares da arte celta, com a predileção pelas decorações geométricas, abstratas e a estilização da forma humana e animal, cuja evolução só foi interrompida pela conquista romana (52 a.C.). A partir daí, assim como em outras regiões, a arte celta se romanizou e sofreu influência do cristianismo.

⁶ Ibid.

⁷ Allan KARDEC, *A Gênese*, p. 227 e 228.

Somente na Bretanha, mas principalmente na Irlanda é que a cultura celta manteve sua integridade, apesar do imperialismo romano e, posteriormente, da virulência do cristianismo.

Os celtas eram, sobretudo, um povo guerreiro e dos mais temidos. Lutavam quase nus, munidos de lanças e espadas enormes. Sua coragem era notória. Atiravam-se contra o inimigo como se fossem uma horda invencível e assustadora, indiferentes à morte e a ferimentos, ainda que graves. Isto tem a ver com a visão de mundo dos celtas e com uma série de rituais complexos a que se dedicavam antes das batalhas. Não eram guerreiros comuns. Reencarnacionistas, acreditavam piamente na imortalidade. Quando em luta parecia que entravam em transe mediúnico, como se fossem os próprios deuses celtas em campo, os espíritos de seus antepassados.

De todos os guerreiros celtas, os gauleses eram os mais temidos. César demorou cerca de seis longos anos para subjugar-los. ⁸ Comenta Léon Denis que a ideia da imortalidade “inspirava aos gauleses uma coragem indomável, uma intrepidez tal que eles caminhavam para a morte como para uma festa. Enquanto os romanos se

⁸ O personagem de história em quadrinhos Asterix, criado pelo franco-italiano Albert Uderzo, representa bem o espírito guerreiro e destemido dos gauleses. Em 1959 Uderzo se associou ao roteirista René Goscinny e iniciaram uma vasta pesquisa que resultou na série *Asterix, Le Gaulois*. Personagens como o druida Panoramix que preparava a poção mágica que lhes deixava invencíveis contra os romanos, seu fiel companheiro Obelix, carregador de menires e seu cachorrinho Ideiafix ainda permanecem presentes na memória dos amantes das HQs.

cobriam de bronze e ferro, os gauleses despiam as vestes e combatiam a peito nu. Orgulhavam-se das suas feridas e consideravam covardia usar-se de astúcia na guerra.”⁹ Para os gauleses celtas, os “despojos dos guerreiros mortos, diziam, não são mais que invólucros gastos. Como indignos de atenção, eles os abandonavam no campo da batalha, o que era uma grande surpresa para os seus inimigos”.¹⁰

Ao contrário do guerreiro romano, mercenário por natureza, que só ia para a batalha se tivesse a certeza de que o soldo seria pago, o guerreiro celta se assemelhava mais ao grego, no romantismo, na luta pela defesa da pólis, de seu clã. O que caracterizava o imaginário desse singular guerreiro era a procura, a eterna busca por algo superior. “O guerreiro celta tinha por missão ir sempre além, não somente realizar-se, mas ultrapassar seus limites. Dele não se exigia a medida, própria ao herói grego, e sim a desmesura. Ele não devia unir e harmonizar sua existência material e espiritual, mas abolir toda e qualquer dualidade, despojando-se de todo peso material.”¹¹

Essa eterna procura é retratada nas lendas célticas das Brumas de Avalon, na busca do Santo Graal e na fábula de Tristão e Isolda, um dos mais belos cantos de amor que a Idade Média nos legou. Tudo isso tem a ver com a cosmovisão celta acerca do destino, que deveria ser cumprido de modo independente da vontade. O des-

⁹ Léon DENIS, *Depois da Morte*, p. 58.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Maria Nazareth Alvim de BARROS, *Uma Luz Sobre Avalon - Celtas & Druidas*, p. 73.

temido guerreiro ia ao encontro de seu próprio destino, como o fez o grande líder gaulês Vercingetórix, na resistência aos romanos. Segundo Maria Nazareth Alvim de Barros, “toda procura era venturosa, porque os sofrimentos, as provas e as conquistas permitiam ao indivíduo ultrapassar-se, ascender a níveis superiores de consciência. Para que a busca fosse fecunda, era preciso não aceitar passivamente os acontecimentos, era preciso precipitar-se, cumprir seu destino, ir ao seu encontro.”¹²

Era um povo cortês, hospitaleiro, gentil e de boas maneiras, amante da liberdade. Recebiam o forasteiro ou visitante sem se preocupar com sua procedência ou destino. Um comportamento que sobrevive até os dias de hoje nos países de influência celta. Muitos hábitos se preservaram, como o da adoção. Entre os celtas era comum a adoção de crianças, cuja responsabilidade pelo ensino e formação era assumida por outras pessoas. Como exemplo, temos o mito do Rei Arthur que, segundo a lenda, foi adotado pelo mago Merlin, um sacerdote druida.

Suas festas e ritos eram notáveis. Muitos costumes, considerados pagãos, se introduziram no cristianismo, como a homenagem aos mortos, que corresponde ao Dia de Todos os Santos e ao Dia de Finados.¹³ A festa de Halloween foi incorporada inclusive nos Estados Unidos, país colonizado por anglo-saxões. E também, na popular festa junina, deve

¹² Ibid., p. 75.

¹³ O Dia de Finados era, no século 19, a única data comemorativa dos espíritas franceses. Hábito que se perdeu com o desenvolvimento do espiritismo na América Latina, especialmente no Brasil. Ver item 9.

ser citado o Dia de São João, comemorado num período correspondente ao solstício de verão.

A língua dos celtas era de origem indo-européia, enquanto a escrita se restringia ao uso em determinados ritos e rituais, à contabilidade e na inscrição de moedas. Os druidas utilizavam uma escrita simbólica vegetal, denominada de escritura *ogham*, mas que somente os iniciados dominavam. O ensino era todo oral. Por isso não há fontes históricas mais precisas. As poucas informações vieram dos romanos e dos cristãos, ambos nem um pouco favoráveis à existência desse povo, ora considerado como bárbaro ou pagão. Os celtas, portanto, não deixaram nada registrado já que toda sua cultura era de tradição oral, e girava em torno do druidismo.

A cultura celta entrou em decadência em função do imperialismo romano e do crescimento do cristianismo. Assim que esse movimento religioso se apoderou do aparelho de Estado, transformando-se numa Igreja Romana, todas as culturas não-cristãs, de origem pagã foram reprimidas ou absorvidas pela sua mitologia. Os druidas foram perseguidos e exterminados. Muitos se exilaram na Irlanda, convertendo-se ao cristianismo, a fim de resguardar a sua vida. Tornaram-se monges cristãos.

A invasão cristã, de forma paradoxal, contribuiu para a preservação da cultura celta, até o século 5 d.C., já que os druidas monges, ao se desvencilharem da proibição da escrita em assuntos míticos e épicos, passaram a preservar a sua literatura. Esses monges, oriundos da classe sacerdotal, possuíam notável cultura e dominavam plenamente a

escritura. Aprenderam com facilidade o latim litúrgico e o profano. Foram os homens certos no momento certo, pois, a sua absorção pelo cristianismo não foi conflitante. “Não houve antagonismo”, afirma a pesquisadora brasileira Maria Nazareth Alvim de Barros: “A grande inovação do cristianismo, a principal, foi a liberação da escrita, a passagem do verbo falado ao escrito, tendo a Bíblia como referência. Os druidas-*filid*, que usavam uma escritura própria e sagrada — *ogham* — para suas técnicas mágicas, estavam preparados para a transição.”¹⁴

¹⁴ Ibid., p. 12.

4. Os DRUIDAS

E Deus quis que todo vivente e ser animado atravessasse toda forma e espécie dotada de vida, a fim de que todo vivente acabasse por possuir completamente a ciência, a vida e a alegria eternas. E tudo isto pelo amor perfeito que Deus leva a todo homem e a todo ser vivente.

(Pensamento druídico)

A origem dos druidas se confunde com a do povo celta. São inseparáveis. Impossível conceber uma classe de druidas anterior aos celtas. Da mesma forma, a unidade celta não seria possível sem a existência desses sacerdotes, que concentravam uma série de funções, que iam desde a magia, do profundo conhecimento das forças da natureza até a medicina e a jurisprudência.

Os druidas eram médicos, sábios, poetas, magos, músicos, astrólogos, calendaristas, dentre muitas outras atribuições. Eram os responsáveis pelo ensino, coordenavam as festas e rituais de passagem. Não possuíam templos nem imagens. Realizavam suas práticas esotéricas bem longe das aldeias, à sombra dos carvalhos, na floresta, a morada celta por excelência.

Pela descrição dos historiadores clássicos e através da cultura céltica, preservada por monges druidas convertidos ao cristianismo, conclui-se que os druidas se equiparavam aos brâmanes, aos sacerdotes egípcios e aos magos da Babilônia. As semelhanças são muitas, notadamente com os brâmanes, que também aceitavam o princípio da reencarnação. Seu alto nível intelecto-

moral os distanciava da imagem de bruxos e feiticeiros, pintada pelo imaginário medieval.

Todavia, até hoje permanece o mistério acerca de sua verdadeira origem. Historiadores, arqueólogos e antropólogos não concordam entre si. Para alguns historiadores contemporâneos, como Ward Rutheford, os xamãs da civilização cita podem ter dado origem ao druidismo, que seria, no caso, uma forma arrojada de xamanismo, extremamente evoluída. Os citas, originários da atual região do Irã, influenciaram a cultura celta em muitos aspectos. Eles praticavam uma forma de xamanismo totemico, semelhante ao dos esquimós e de algumas culturas da Indonésia e da África.

Há historiadores, de formação esotérica, que consideram os druidas como uma casta de sacerdotes intimamente vinculados aos mistérios de Stonehenge,¹⁵ aos monumentos megalíticos. Apoiados nas descrições de

¹⁵ O historiador Maurice Bell lembra que, na Idade Média, os vários monumentos megalíticos se tornaram conhecidos em toda a Europa como “pedras das fadas”, “pedras vacilantes”, “pedras que viram”. Diz a lenda que aqueles menires, os módulos que compunham a arquitetura de Stonehenge, eram gigantes transformados em pedra pelo druida Merlin (do galês Myrddhinn), tendo sido batizados por um arcebispo como “Dança dos Gigantes”. Na *História dos Reis da Inglaterra*, de Geoffrey de Monmouth, o rei Aurélio decide construir um monumento em homenagem aos heróis ingleses. O mago Merlin convence o rei a extrair as pedras da região da Irlanda a fim de formar “O Círculo dos Gigantes”. Essas pedras, diz Merlin, teriam sido construídas, ou materializadas, por titãs (gigantes) que as trouxeram da África, no período em que dominavam a Irlanda. Helena Blavatsky, em sua obra máxima, *A Doutrina Secreta*, chamou esses monumentos de “pedras falantes”.

Júlio César em *Commentarii de Bello Gallico* (Comentários da Guerra com os Gauleses), certos historiadores asseveraram que o druidismo seria originário da Grã-Bretanha ou da Gália. Outros, mais prudentes, na falta de documentos históricos, preferem silenciar.

Sobre essa questão o escritor e crítico Edouard Schuré (1841-1929), citado por Léon Denis em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, diz o seguinte: “A origem dos druidas remonta à noite dos tempos, à aurora da raça branca. As *druidisas* ¹⁶ são talvez mais antigas ainda se nos basearmos em Aristóteles, que atribui o culto de Apolo de Delfos às sacerdotisas hiperboreanas. As druidisas foram inicialmente as inspiradas livres, as pitonisas da floresta. Os druidas serviram-se delas, inicialmente, como pacientes sensíveis, aptas à clarividência, à adivinhação. Com o tempo elas se emanciparam, formaram colégios femininos e, ainda que submetidas hierarquicamente à autoridade dos druidas, agiam através do seu próprio movimento.” ¹⁷

Segundo a tradição esotérica, os hiperbóreos existiram e eram oriundos da mítica Atlântida, sobreviventes de cataclismos que resultaram no afundamento desse continente perdido. Ao lado de outros grupos que povoaram as Américas (dando origem aos astecas, maias, incas, na-

¹⁶ As druidisas possuem muita semelhança com as dríades da mitologia grega, nome procedente da palavra grega *drus* (carvalho). Eram as ninfas ou elementais protetoras dos bosques e florestas. Costumavam dançar em volta dos grandes carvalhos que lhes eram consagrados. Possivelmente os druidas se utilizavam tanto desses elementais como de mulheres celtas (druidisas), dotadas de aprimorada sensibilidade mediúnica.

¹⁷ Léon DENIS, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, p. 107. (Grifo meu).

vajos etc.) e a costa norte-africana (aos egípcios), eles povoaram o norte da Europa e ajudaram a constituir o que Edgard Armond denominou, em seu livro *Os Exilados da Capela*, de Quinta Raça, apoiado em informações oriundas da teosofia e também em Schuré, que afirma: “Se o sol da África incubou a raça negra, direi que os gelos do pólo ártico viram a eclosão da raça branca. Estes são os Hiperbóreos dos quais fala a mitologia grega.”¹⁸

Foi essa raça de cabelos vermelhos e olhos azuis que criou o culto do sol e do fogo sagrado, conforme Armond, uma espécie de “culto primitivo de todos os povos da Atlântida, conservados pelos **druídas** e por outros, que vieram depois, inclusive persas e egípcios.”¹⁹

Os historiadores e filósofos da Antiguidade falam da existência de uma raça hiperbórea, oriunda do norte da Europa. Essa raça, mencionada pelo filósofo grego Aristóteles e o historiador grego Diodoro de Sicília, que cita outro historiador patrício, Hecateu de Mileto, teria dado origem ao culto de Apolo, na Grécia antiga. Segundo o historiador Ward Rutheford, o deus Apolo, filho de Zeus e de Leto (Latona), era “um intruso no Olimpo”. A mitologia grega se adaptou à existência desse Deus que durante três meses ao ano convivia com um povo do norte cujas terras encontravam-se “além do Vento do Norte”.

Sobre os hiperbóreos, Rutheford sustenta a seguinte tese: “Sabemos da existência de grande interesse no Apo-

¹⁸ Edgard ARMOND, *Os Exilados da Capela*, p. 81.

¹⁹ *Ibid.*

lo grego por parte de povos do norte, porque existe uma descrição de uma cerimônia anual de oferenda mandada a seu templo em Delfos por um povo do norte, que não é identificado. Na verdade, trata-se dos lendários ‘hiperbóreos’, nome que, de forma mais ou menos literal, quer dizer ‘Povo de Além do Vento do Norte’. Esse foi o povo de quem o grego Aristeas aprendeu a arte do ‘vôo do espírito.’”²⁰ Para o historiador, a terra dos hiperbóreos seria a Inglaterra, pela descrição de Diodoro de Sicília, “a ilha dos hiperbóreos era o lugar de nascimento de Leto — aquela filha de gigantes — e, nessa narrativa, seu filho, Apolo, era venerado ali acima de todos os deuses. Diz ainda que a ilha continha um vasto templo de formato circular, que só poderia ser Stonehenge, e a passagem continua descrevendo o sistema de calendário usado ali, baseado em um ciclo de 19 anos.”²¹

Rutheford explica que, ao final de cada ciclo, Apolo visitava a ilha e tocava harpa a fim de acompanhar as danças e festas realizadas em sua homenagem. Segundo a mitologia grega, foi esse Deus que recebeu das mãos de Hermes (ou Mercúrio, para os romanos) a harpa, instrumento tipicamente celta. E o ciclo de 19 anos tem relação direta com a forma de contagem do tempo pelos druidas, a partir dos ciclos da Lua e do Sol. Dezenove anos é o período entre eclipses, tempo necessário para haver uma sincronicidade entre os anos lunar e solar. E era também de 19 anos o tempo necessário para se transformar o neófito em um druida.

²⁰ Ward RUTHERFORD, *Os Druidas*, p. 156.

²¹ Ibid.

Quanto à associação dos druidas com os monumentos megalíticos, temos que considerar uma enorme defasagem entre a origem do povo celta e essas enigmáticas estruturas de pedra bruta. Elas são datadas pelos arqueólogos a partir de 4.000 a.C. enquanto os celtas, como etnia constituída e organizada, surgem muito tempo depois, somente a partir de 2.000 a.C. É historicamente impossível que os celtas tivessem construído tais estruturas de pedra. Eles apenas utilizaram essas construções já prontas, para os seus rituais, como fizeram os primitivos cristãos com a arquitetura romana. No entanto, a posteridade assimilou a vinculação direta entre os cromlechs, dólmens e menires aos druidas, como se vê pela romaria de esotéricos que ainda hoje invade esses monumentos, em períodos “sagrados” como no solstício de verão, o dia mais longo do ano.

Em relação a Stonehenge, é oportuno lembrar que em 1965, o astrofísico Gerald Hawkins, então professor de astronomia da Universidade de Boston, munido de um computador, chega a uma conclusão desnorteante: o famoso monumento megalítico foi construído entre os anos de 1850 e 1700 a.C. e teria sido “um autêntico e versátil observatório astronômico.”²² Se os celtas não poderiam ter construído aqueles enormes monumentos, muito menos o povo autóctone que, nesta época, habitava a atual Grã-Bretanha. Eles não possuíam tecnologia para erigir construções de tamanha envergadura. Então,

²² Erich VON DÄNIKEN, *Eram os Deuses Astronautas?*, p. 8.

como foram projetados e construídos? Trata-se de um enigma, um mistério...

A origem da palavra druida é também motivo de muita polêmica. Os historiadores gregos vinculam sua origem ao étimo grego *drus*, que significa carvalho. Algo assim como “o sábio do carvalho”. O historiador T.G.E. Powel admite a tese de que ela seria derivada do céltico continental através dos textos gregos e latinos: “César, por exemplo, refere-se a *druides* e Cícero a *druidae*. Ambas são, é claro, formas latinizadas do plural. Nas línguas célticas insulares que ainda sobrevivem, *druí* (singular) e *druad* (plural) são formas da mesma palavra tiradas de textos em irlandês antigo. O equivalente galês no singular é *dryw*. Como palavra considera-se que druida derive de raízes que significam ‘sabedoria do carvalho’, possivelmente ‘sabedoria grande’ ou ‘sabedoria profunda’. Plínio compara esta palavra com a grega que significa carvalho, e parece querer implicar que a sua ligação com o carvalho fosse intencional.”²³

Mesmo não havendo relação filológica e semântica entre o idioma grego e latim com o céltico, tais combinações se aproximam do significado que os celtas davam a esta palavra. Posto que, para eles, o druida era um homem de grande autoridade espiritual, guardião das tradições, profundo conhecedor das forças da natureza e intermediário entre os deuses e a *tuath*. Segundo o historiador britânico Jean Markale, citado por Rutherford, “a palavra ‘carvalho’ não figuraria no nome que lhes era

²³ T.G.E. POWEL, *Os Celtas*, p. 160.

dado, e ele sugere que se deve entender a pronúncia como 'druwides', 'aqueles que enxergam longe', ou 'aqueles que sabem muito'." ²⁴

Os druidas, ao contrário dos brâmanes, não se constituíam numa casta de sacerdotes. Eles formavam uma classe dividida em três subclasses: druidas; druidas-*filid* (vates); druidas-*faith* (bardos). Druida era o nome dado a todos os integrantes da classe sacerdotal, sem referência direta à especialização de cada um deles. Os druidas, segundo a pesquisadora Maria Nazareth Alvim de Barros, "tinham por função todas as ciências humanas e divinas: teologia, astronomia, fisiologia, justiça, ensino, poesia, sátira, predição, magia, guerra e tudo que concernia aos cultos e sacrifícios. Os *filid* ou *vates* dedicavam-se à sátira, ao encantamento, à predição, à magia falada e escrita, à justiça, medicina, ensino, música e guerra. O *bardo* era encarregado da poesia oficial não escrita e da música." ²⁵ Segundo a classificação da pesquisadora citada, temos os seguintes tipos de druidas e suas respectivas especialidades:

Druida Juiz (Brithem) - Era o responsável pelo cumprimento da lei, pela resolução de conflitos e querelas entre os habitantes da *tuath*, o clã. Para os celtas não havia muita distinção entre jurisprudência e profecia, legislação e sacrifícios. A separação entre o sagrado e o profano era algo desconhecido. Tanto quanto a noção de pecado. A distinção

²⁴ Ward RUTHEFORD, *Os Druidas*, p. 79.

²⁵ Maria Nazareth Alvim de BARROS, *Uma Luz sobre Avallan - Celtas & Druidas*, p. 46.

entre direito público e privado, invenção dos romanos e que influenciou toda a legislação ocidental, era algo ainda mais estranho para os celtas. O que importava para eles era a existência do direito privado, já que o direito público não existia. Através de contratos informais se estabeleciam determinados acordos que, caso fossem quebrados, teriam de ser decididos em duelos ou ordálias, chegando ao nível da guerra entre clãs, se o desentendimento surgisse entre chefes, entre reis. O *druida juiz* sempre intervia, a fim de manter o equilíbrio entre as forças internas do clã. Era ele o responsável pela sentença. E não podia errar já que, como conselheiro do povo e do rei, o druida era o próprio representante dos deuses. Porquanto, para os celtas, os deuses são os verdadeiros depositários da verdade e da justiça.

Druida Médico (Liaig) - Assim como a jurisprudência, o exercício médico era um fato religioso, no sentido látrico do termo. Os druidas praticavam uma medicina curativa através do magnetismo, da fitoterapia e de intervenções cirúrgicas. Preparavam poções e chás, colhiam o visco, planta parasita que nascia nos carvalhos, árvore sagrada para os celtas, por meio de uma foice de ouro. Eles acreditavam que essa planta possuía extraordinários poderes de cura. A sálvia e a verbena eram outras das ervas mais utilizadas. Não temos registros de suas práticas terapêuticas e cirúrgicas, mas sabemos que para os druidas todos os males físicos têm sua origem na alma. Toda doença física tem uma causa espiritual. Pode-se dizer que eles anteciparam em séculos os modernos conceitos da medicina psicossomática e da homeopatia.

Druida Narrador (Scelaige) - Cabia a este druida a transmissão das lendas e estórias encantadas. Era versado na poesia, na música e no canto. Tocava harpa e transmitia a epopéia do povo celta, apaixonado por lendas e histórias fantásticas. Os druidas-scelaige eram os literatos, os declamadores, os contadores de histórias, elementos fundamentais da *tuath*, já que por meio deles toda a tradição cultural era preservada. Eles não conheciam o romance, mas a saga, a narrativa épica, o mito que se confundia com a história. Para os celtas a história e o mito eram uma coisa só. Não faziam distinção entre as duas categorias. O significado mais próximo da palavra *scél* é narrativa. O druida-*scelaige* era o narrador por primazia e desempenhava uma função musical e literária bem próxima à dos menestrelis da Idade Média ou dos repentistas e violeiros de nosso sertão.

Os druidas eram homens bem altos, vestiam-se com peles e usavam vestimentas variadas, adornos, brincos e adereços, aproximando-se do visual dos xamãs asiáticos. São representados, amiúde, com roupas totalmente brancas, indumentária que usavam em muitos rituais, principalmente no da colheita do visco. Utilizavam um bigode espesso, com muito mais frequência do que a barba cheia e longa. Raspavam toda a coroa da cabeça, numa faixa horizontal, de orelha a orelha, e deixavam os cabelos longos. Certamente, esse costume da tonsura da cabeça deve ter influenciado o visual dos primeiros monges cristãos, dos capuchinhos.

O druidismo, termo criado pelos irlandeses medievais para designar um conjunto de preceitos relacionados às tradições célticas, se extinguiu com o advento do cristianismo. Na Idade Média, druida tornou-se sinônimo de bruxo e feiticeiro. Muitos foram queimados nas fogueiras como hereges. Ainda no século 6 d.C. o druidismo manteve-se vivo na Irlanda, que se tornou um dos redutos da cultura celta. Mas a instituição já havia perecido. Ficaram os ensinamentos, as lendas e os mitos, salvaguardados pela Irlanda céltica.

O interesse pelos druidas foi retomado no século 17, com o antiquário John Aubrey. Ele presumiu, erroneamente, que os monumentos megalíticos teriam sido templos construídos e utilizados pelos druidas. A partir desta época, consolidou-se uma imagem extremamente romântica, explicitamente mística acerca do cerimonial druídico. Em 1781, vários entusiastas fundaram a Antiga Ordem dos Druidas, em Londres, que acabou transformando-se numa instituição de caráter assistencialista. Desde então, essas e outras associações foram criadas com o objetivo de manter viva a chama do druidismo. No entanto, apesar de todas as procissões esotéricas a Stonehenge e, digamos assim, do maneirismo druídico, praticado notadamente no solstício de verão, o que permanece são os seus ensinamentos e uma tradição que se perdeu, mas pôde ser preservada, ainda que de modo precário. Essa tradição se acha substanciada nas tríades ou bardas, aforismos que encerram uma grande profundidade filosófica e que sintetizam o pensamento e a cosmovisão dos celtas, tema que veremos a seguir.

5. As TRÍADES

Antes, eu estava em ANWN, o abismo, a menor partícula de vida que se pode conceber e o mais perto possível da morte absoluta. Depois eu passei dentro de cada forma de existência e através de cada forma onde era possível que estivessem o corpo e a vida. Eu cheguei até o estado de homem, ao longo do Círculo de ABRED, onde penosa e vazia foi minha condição através das Idades, desde meu desprendimento da morte dentro do abismo. E isto, pela graça de Deus, sua grande bondade e seu infinito amor. Através de cada forma suscetível de encerrar a vida, dentro das águas, nos ares, no céu, eu suportei rigores e tormentos, mal e sofrimento, e pequenas e íntimas foram minhas alegrias, até que eu me tornasse homem.
(Pensamento Céltico)

As semelhanças entre a filosofia celta e a espírita são impressionantes. O que mais surpreende é a originalidade. Esse povo filósofo não aprendeu com os brâmanes da Índia, nem com os sacerdotes egípcios ou com os magos da Babilônia. De onde tiraram tão profundo conhecimento? Eis aí um enigma ainda a ser decifrado.

Possivelmente, das entranhas da Terra, da observação das forças da natureza, da inspiração de espíritos, ou seja, da mediunidade. Os druidas eram médiuns, magos brancos, muito mais do que simples sensitivos. Eram iniciados, os depositários do conhecimento esotérico.

Os celtas eram evolucionistas e reencarnacionistas. Não aceitavam, como os brâmanes e egípcios, a teoria da metempsicose. Eles a aplicavam somente aos seus deuses. Para os celtas, há nítidos estágios diferenciados de evolução. O Ser tem que superar os três círculos evolutivos, ABRED, GWENVED e KEUGANT, através do princípio

dos renascimentos sucessivos, a fim de alcançar a plenitude da sabedoria e do amor.

O primeiro, ABRED, é o círculo das diversas existências materiais, corpóreas, onde o Ser ainda se acha sujeito à fatalidade, ao determinismo que ele próprio cria através de seus atos. Corresponde, na escala espírita, à Terceira Ordem, a dos espíritos Imperfeitos e à Segunda Ordem, a dos espíritos Bons.

No GWENVED, o segundo círculo, bem mais elevado, já não há mais necessidade da reencarnação. A morte deixa de existir, há a ausência de todo e qualquer mal. A felicidade é permanente. O que não implica na perda da individualidade, como no budismo e em algumas filosofias orientais. Ao contrário, é aí que a individualidade, a singularidade do Ser se reafirma. Na escala espírita este círculo se equivaleria à Primeira Ordem, a dos espíritos Puros, que não necessitam mais reencarnar.

O terceiro círculo, KEUGANT, é inacessível às criaturas. Somente o Criador possui trânsito nele. É, portanto, um círculo vazio, pois não é habitado por ninguém. Não há tempo nem espaço. O conceito de Eternidade, do Eterno Ser Criador, de imutável transcendência é o que mais se aproxima desta categoria céltica.

Além desses três círculos há ainda um outro denominado ANWN, o abismo, de onde tudo se origina. É nesta região abissal, protoplásmica, profunda que ocorre o ponto de partida dos espíritos. Conceito bem próximo da evolução anímica, desenvolvido pelo pensador espíri-

ta Gabriel Delanne, que consiste na tese de que o espírito não surge da simplicidade e ignorância, mas sim, dos reinos inferiores da criação, a partir do “átomo primitivo”. A epígrafe deste capítulo demonstra tal parecença filosófica, bem como este belo e profundo canto bárdico, atribuído ao poeta bardo Taliésin:

“Existindo desde remota antiguidade no seio de vastos oceanos, não sou nascido de um pai e de uma mãe, mas de formas elementares da natureza, dos ramos da bétula, do fruto dos frutos, das flores da montanha.

Toquei a noite, adormeci na aurora; fui peixe no lago, águia nos cumes, lince na floresta. Depois, escolhido pelo ‘Gwyon’ (espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade.

Passou-se muito tempo desde que fui pastor. Por muito tempo andei na Terra antes de ser hábil na ciência.

Enfim, brilhei entre os chefes superiores; vestido de hábitos sagrados, segurei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos, agitei-me em cem círculos.”²⁶

Os celtas também aceitavam a ideia da pluralidade dos mundos. Os druidas, grandes calendaristas, calculavam os ciclos conforme as observações astronômicas que faziam. Sabiam que nosso planeta não é o único do siste-

²⁶ Léon DENIS, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* (p. 133).

O bardo Taliesin (534-599) é considerado como um dos mais antigos poetas galeses. Segundo o mito celta-galês, ele escreveu um livro de cantos bárdicos intitulado *O Livro de Taliesin* e cantou na corte dos reis celtas britânicos. Na poesia galesa da Idade Média, era conhecido como Taliesin Ben Beirdd (Taliesin, Chefe dos Bardos). Esse canto foi escrito, provavelmente, no século 6 e não no século 4, conforme algumas traduções, como essa de Cad. Goddeu, citada por Léon Denis neste seu último livro.

ma solar. Tinham plena consciência de que a Terra não é o centro do universo, é redonda e gira ao redor do Sol.

O conceito de um espaço estático, imutável, destinado ao suplício eterno, (inferno) e de outro reservado aos eleitos, os puros (céu) não fazia parte da cosmovisão druídica. Tanto que os celtas irlandeses da Alta Idade Média, “convertidos” ao cristianismo, desenvolveram a tese de um espaço intermediário entre o céu e o inferno (purgatório), aceito sem mais delongas pelos cristãos. A noção de pecado, de violação, o juízo final e todo o cortejo teológico do cristianismo eram desconhecidos. O tempo/espaço para os druidas estava associado a um vir a ser, a um processo, mutável e perfectível, equivalente ao eterno agora do existencialismo.

A visão do além, de um mundo habitado pelo Ser em busca da pureza e da sabedoria, quase atemporal e infinito, se assemelha ao mundo dos espíritos, ao estado de erraticidade, na terminologia kardequiana, como se vê nesta explicação da pesquisadora Maria Nazareth Alvim de Barros:

“O Outro Mundo é um lugar atemporal onde se realiza o mundo imaginado pela esfera divina. Quando os humanos atingem o Outro Mundo toda a noção de tempo se apaga. São capazes de pensar que lá estiveram por muito tempo, quando na realidade permaneceram poucas horas ou, ao contrário, pensam que permaneceram algumas horas e ausentaram-se por vários anos ou séculos.” ²⁷

²⁷ Ibid., p. 98.

A síntese do pensamento celta se encontra nas Tríades ou *Barddas*. É lá que vamos encontrar toda a profundidade filosófica deste povo pensador. Elas foram escritas muito tempo depois do desaparecimento do druidismo, que sobreviveu apenas como instituição. Elas se constituem de versículos bem sintéticos, formados sempre por três pensamentos. São aforismos, máximas morais e filosóficas. As 46 primeiras foram traduzidas em 1853, por Adolpho Pictet, em um opúsculo intitulado *O Mistério dos Bardos da Ilha da Bretanha*. As outras tríades provêm de manuscritos colecionados pelo bardo de Clamorgan, Llywelyn Sion, por volta de 1560. Elas vieram até nós graças à resistência céltica no País de Gales. Lá os bardos formaram corporações, uma espécie de franco-maçonaria, responsáveis pela conservação do que sobrou da tradição céltica e resistiram, por muitos anos, às invasões romanas, inglesas e ao terrorismo cristão.

A adoção do número três como construção formal tem um lado prático, um sentido mnemônico, já que a transmissão dos conhecimentos druídicos, como se viu, era feita por via oral. O neófito tinha de memorizar todos esses ensinamentos, o que era facilitado com o emprego de pensamentos ternários. Outro aspecto a ser considerado é a importância que os druidas davam ao número 3 (três), considerado por eles como um número sagrado, celestial. As tríades tratam de questões filosóficas, existenciais, jurídicas, morais, teológicas, poéticas etc. Seleccionamos algumas para análise e confrontação com os princípios espíritas. Serviremos-nos das tríades contidas no livro *As Tradições Célticas*, de Robert Ambelain (parte II).

1. Existem três unidades primitivas. E não pode haver mais. Estes pontos são:

— Um Deus;

— Uma Verdade;

— Uma Liberdade, ponto onde se põem em equilíbrio todas as oposições.

5. Deus nos dá três provas daquilo que ele fez e daquilo que ele fará, enquanto natureza; estas três provas são:

— Seu Poder infinito;

— Sua Sabedoria infinita;

— Seu Amor infinito.

7. Existem três coisas que Deus, infinitamente perfeito, não pode evitar:

— Em toda coisa, fazer o melhor possível;

— Em toda coisa, fazer o mais necessário possível;

— Em toda coisa, fazer o mais belo possível

65. Os três principais atributos de Deus:

— Essência;

— Conhecimento;

— E Poder.

Não há nada de obscuro nessas estrofes. Trata-se de uma concepção extremamente avançada para a época, uns bons séculos antes de nossa era. A ideia de Deus não tem, como se lê, nada de antropomórfica. Ao contrário, trata-se de uma teologização de ordem abstrata, semelhante ao conceito espírita de Deus. Os atributos divinos expostos nestas e em outras tríades possuem uma proxi-

midade muito íntima com a concepção kardequiana contida em *O Livro dos Espíritos*.

Os círculos evolutivos, de aperfeiçoamento, são expostos em várias tríades. Vejamos algumas:

12. *Existem três Círculos dentro da vida Universal ou Universo. Estes três Círculos são:*

— O Círculo de KEUGANT, círculo vazio, onde nenhum ser pode subsistir, exceto Deus. Nem os vivos nem os mortos têm acesso a ele e apenas Deus pode atravessá-lo, por meio de suas diversas manifestações;

— O Círculo de ABRED, círculo da Fatalidade, do Destino irresistível, onde cada novo estado, cada nova existência, nasce da morte. E este o Homem o atravessa;

— O Círculo de GWENVED, Círculo da Beatitude, o mundo branco, onde cada estado deriva e nasce da vida. E este o Homem o atravessará finalmente.

13. *Existem três gêneros de existência e de vida para os vivos. Eles são:*

— O estado de submissão à Fatalidade, dentro do Abismo (ANWN);

— O estado de liberdade moral, dentro da Humanidade (ABRED);

— O estado de felicidade e de amor perfeito, no Céu (GWENVED).

14. *Existem três coisas inevitáveis dentro da Vida, três necessidades às quais nenhuma existência escapa. Elas são:*

— A inevitável gênese dentro do Círculo de ANWN;

— O inevitável périplo dentro do Círculo de ABRED;

— *O inevitável acesso final para dentro do Círculo de GWENVED.*

E sem atravessar estes três estados nenhum ser poderia existir, salvo apenas Deus.

O conceito de determinismo e fatalidade, do destino dos seres e das coisas também é muito semelhante à visão espírita.

13. *Existem três gêneros de existência e de vida para os vivos. Eles são:*

— *O estado de submissão à Fatalidade, dentro do Abismo (ANWN);*

— *O estado de liberdade moral, dentro da Humanidade (ÂBRED);*

— *O estado de felicidade e de amor perfeito, no Céu (GWENVED).*

17. *Há três razões de estar à mercê da Fatalidade e do Destino que reinam dentro do Círculo de ABRED. São:*

— *A necessidade de colher o fruto de cada existência e de cada estado de Vida;*

— *A necessidade de conhecer todas as coisas;*

— *A necessidade de colher a força moral necessária para triunfar sobre todo o ódio, toda repugnância e para se despojar do Mal dominando os maus princípios.*

Durante a encarnação, na condição humana, o Ser goza de relativa liberdade, possui o livre-arbítrio, antagônico à fatalidade, determinada por ele próprio no curso de sua existência.

29. *Dentro da Humanidade, o Ser possui três privilégios. São:*

— *O discernimento entre o Bem e o Mal. Daí a possibilidade de comparação;*

— *A liberdade de escolha. Daí o livre-arbítrio, o julgamento e a preferência por um ou por outro;*

— *O começo do poder realizador, tendendo a realizar o que se escolheu livremente.*

— *Estes três privilégios, estes três poderes, são indispensáveis para realizar o que quer que seja (e, portanto, escapar à Fatalidade pura).*

Pode-se notar que o fundamento da ética celta é o livre-arbítrio. A liberdade é o sustentáculo comportamental de seu pensamento ético. O que, necessariamente, irá determinar uma práxis, uma moralidade de características semelhantes à kardecista. Em determinados trechos, a axiologia celta, sua teoria de valores, com efeito, se aproxima tanto do kardecismo que a sensação é a de estarmos relendo as leis morais no formato de uma tríade.

59. Os três sustentáculos de um homem virtuoso:

— *Deus;*

— *Sua consciência pessoal;*

— *E o louvor de todos os sábios.*

74. Três coisas estão em desacordo com Deus:

— *A infelicidade;*

— *A mentira;*

— *E o desespero.*

75. Três lugares onde residirá Deus em sua plenitude:

— *Lá onde ele for mais amado;*

— *Lá onde ele for o mais procurado;*

— *Lá onde o egoísmo for mínimo.*

76. Há três coisas onde Deus reside quando elas são procuradas:

— *A misericórdia;*

— *A verdade;*

— *E a Paz.*

118. Os três momentos de bênção para o Homem:

— *Receber a vida tendo uma alma em seu nascimento ou dentro do renascimento após um desfalecimento;*

— *Dar a vida ou engendrará-la;*

— *E trocar a vida, ou morrer, o que é ir do pior ao melhor.*

149. *Os três cuidados diários que deveriam ocupar o espírito de cada homem:*

— *Adorar a Deus;*

— *Evitar fazer mal a qualquer um;*

— *E agir justamente com relação a todo vivente.*

150. *Os três temores de um prudente:*

— *O temor de ofender a Deus;*

— *O temor de agir com um homem contrariamente à caridade;*

— *E o temor das riquezas e da prosperidade excessivas. Dizendo de outra maneira: o temor a Deus, o temor do pecado e o temor de uma prosperidade grande demais.*

Como vimos, cada uma das tríades se constitui numa pérola do conhecimento ético, filosófico, teológico, teleológico, existencial etc. De todas as doutrinas espiritualistas do Ocidente, a celta é a que mais se aproxima da doutrina espírita.

Se Allan Kardec tivesse desempenhado sua missão na Índia, provavelmente teria escrito *O Bhagavad-Gita Segundo o Espiritismo* ou *Os Vedas Segundo o Espiritismo*. Mas ele reencarnou no Ocidente cristão, num país católico. Podemos observar na linguagem, notadamente em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a influência tenaz do cristianismo. Todavia, o cerne filosófico do espiritismo também possui sua tradição, sua raiz histórica, no pensamento celta. A partir daí os troncos e ramos se multiplicam.

As Tríades Segundo o Espiritismo: uma obra essencial, que ainda está por ser feita. Ela recolocaria o pensamento céltico em sua verdadeira dimensão histórica e filosófica.

O pensamento céltico, helênico e latino são o tripé da raiz filosófica kardecista. A pilastra central, o pensamento céltico.

6. O DRUIDA DE LORENA

A alma céltica é mais viril.
(Léon Denis)

Léon Denis (1846-1927) se considerava um druida re-encarnado. Em vários de seus livros ele se refere aos celtas e gauleses, mas foi em sua última obra, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* (1927), que pôde aprofundar melhor o assunto.

Um de seus objetivos principais, ao escrever sua obra derradeira, foi o de resgatar a alma viril do povo celta. “O gênio da Gália vigia sempre nosso país”, afirmava Denis. Ele defendia de modo apaixonado o renascimento do espírito celta, que viria reerguer, imaginava, a alma francesa, carente da vitalidade moral daquele povo. Para Denis, a França não era “nem latina, como a Itália e a Espanha, nem germânica como a Alemanha, nem anglo-saxônica como a Inglaterra e os Estados Unidos; ela é céltica e, por sua situação e suas origens, pode servir de intermediária, de traço de união entre seus vizinhos.”²⁸

Essa visão romântica acerca das virtudes do povo celta esteve sempre presente em suas obras. O último artigo que escreveu para a *Revista Espírita*, intitulado *Renovação*,²⁹ publicado em março de 1927, aborda justamente o

²⁸ Gaston LUCE, *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, p. 305.

²⁹ Esse belíssimo e derradeiro artigo de Denis pode ser conferido na edição do Centro Espírita Léon Denis, Rio de Janeiro-RJ, da biografia de Gaston Luce, *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, com tradução de José Jorge. O arquivo foi editado como um anexo, no final do livro.

caráter e a influência da filosofia céltica e da filosofia espírita na alma francesa.

Em um de seus mais belos livros, *O Grande Enigma* (1911), o Apóstolo do Espiritismo compara o espírito céltico com o cristianismo:

“O espírito céltico é ávido de claridade e de espaço, apaixonado da liberdade; possui intuição profunda das coisas da alma que reclamam revelação direta, comunhão pessoal com a Natureza visível e invisível. Eis por que ele estará sempre em oposição à Igreja Romana, desconfiada dessa Natureza e cuja doutrina é toda cheia de compressão e de autoridade. Os druidas e os bardos lhes foram rebeldes. Apesar das conquistas romanas e das invasões bárbaras, que facilitaram a expansão do cristianismo, a alma céltica, por uma espécie de instinto, sempre se sentiu herdeira de uma fé mais larga e mais livre que a de Roma.”³⁰

Ao contrário de Kardec, Denis era autodidata, um intelectual de origem simples e com um espírito nacionalista bem manifesto. Na juventude foi militar e chegou a lutar na guerra de 1870. Mesmo com a visão razoavelmente abalada, alistou-se na 1ª Legião da Guarda. Em pouco tempo chegou a tenente. Assim como Pierre-Gaëtan Leymarie, tornou-se um republicano radical, muito provavelmente em função da derrota francesa e consequente ocupação alemã.

³⁰ Léon DENIS, *O Grande Enigma*, p. 136.

Desde cedo o espiritismo e a cultura celta despertaram o interesse de Denis. Já em suas primeiras experimentações mediúnicas, iniciadas nos tempos do exército, os espíritos lhe revelavam experiências por ele vividas em outras existências. Em uma delas, junto com o médico espírita dr. Aguzoly, seus companheiros do mundo extrafísico descrevem cenas surpreendentes: “Ora se viam a pelejar nas fileiras de uma tribo franca entregando-se a um massacre de Gauleses, ora, combatentes Vikings, participavam em terríveis batalhas.” ³¹

Nos últimos anos de sua vida, com a serenidade e a sensibilidade que só a velhice proporciona, Léon Denis adquiriu a certeza de que fora realmente um celta em existências anteriores. Ele mesmo registra isso em *O Gênio Céltico*:

“Pelo que me disse Allan Kardec ³², vivi no oeste da Gália minhas três primeiras existências humanas e sempre conservei as impressões dos primeiros tempos. Na vida atual, com 18 anos, li *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, e tive a intuição irresistível da verdade. Parecia ouvir vozes longínquas ou anteriores que me falavam mil coisas esquecidas. Um passado ressuscitava com uma intensidade quase dolorosa. E tudo o que vi, observei, aprendi, desde então, foi somente para confirmar esta impressão primeira.” ³³

³¹ Jacques LANTIER, *O Espiritismo*, p. 71.

³² Leon Denis faz referência ao espírito de Allan Kardec que o estimulou, segundo ele, a escrever *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

³³ Léon DENIS, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, p. 22.

Em outra passagem do livro, Denis revela que fora um aprendiz, um discípulo candidato a druida:

“Eu gostava de penetrar nos círculos de pedra (cromlechs) onde se evocavam os espíritos dos mortos. Escutava, com ansiedade, as lições dos druidas que nos entretinham com as lutas da alma no ‘Abred’, para conquistar a ciência e a sabedoria, e sua plenitude de vida no ‘Gwynfyd’, para posse da virtude, do gênio e do amor. Sob a indicação do Mestre, eu me aplicava em aprender a recitar os inúmeros versos que constituíam o ensino sagrado.”³⁴

Belas são as descrições do Druida de Lorena, ao mostrar todo o seu estilo fluente, romântico, numa autêntica poética existencial, filosófica, como esta da floresta céltica:

“Revejo a floresta profunda toda cheia de murmúrios de uma vida invisível, a floresta assombrada pelos espíritos dos antepassados que encantam os santuários onde se realizam os sacrifícios e os ritos sagrados. Essa floresta céltica era tão vasta que seria preciso meses inteiros para atravessá-la; tão espessa, tão cerrada, que no verão o tempo era escuro em pleno meio-dia, sob suas abóbodas verdejantes, imponentes como naves de catedral.”³⁵

Em *O Gênio Céltico*, Léon Denis inclui uma série de mensagens mediúnicas atribuídas a Allan Kardec, a respeito dos celtas, dentre outros temas. Os poucos que conhecem esta obra torcem o nariz e colocam em dúvida a sua autenticidade. Realmente é um dos pontos mais polêmicos e discutíveis do livro. Quanto à legitimidade da autoria das mensagens, pode-se afirmar, sem ironia, que

³⁴ Ibid, p. 81.

³⁵ Ibid, p. 80.

elas aparentam ser até mais verdadeiras do que algumas também atribuídas ao fundador do espiritismo e recebidas em determinados grupos espíritas brasileiros. Vejamos alguns trechos:

Acrescento que me é particularmente agradável descer nesta região da França, que amei, habitei materialmente, desde a Armorique até Mauriene.

Cada torrão formou para mim imagens que jamais se apagarão. Como celta, me impregnei dessa mística que tinha trazido de modo palpitante do espaço. Depois, em minha penúltima existência, na Savoie (Sabóia), adquiri uma resistência moral que foi necessária para ensinar a doutrina que vós conheceis.

Mas, inicialmente, falemos da existência pela qual me fixei na Bretagne ³⁶ (Bretanha), que foi como a vida inicial, projetando, no meu ser, a centelha da vida universal. Esta centelha brilhou mais ou menos através de minhas diferentes vidas, conforme eu procurava adquirir uma tal qualidade, aproximando-se, mais ou menos, da matéria ou do espírito. ³⁷

Vós podeis dizer que a palavra Celtismo representa, para o homem moderno, a forma concreta de uma doutrina tendo por base a assimilação, a concentração, o desenvolvimento e o surgimento de forças, formando parte integral do movimento cósmico.

Eu vivi nessa época e posso vos afirmar que nos tempos druídicos o ser humano sentia essa força radiante que, no curso dos séculos, foi preciso adaptar cientificamente — este é o único

³⁶ Antiga província da França.

³⁷ Ibid., p. 223.

termo que encontro — ao seu envoltório carnal. Ele podia assim aprender a ler, a analisar e a dissociar as partes impalpáveis e vibratórias suscetíveis de lhe dar alguns esclarecimentos sobre o mistério da criação. ³⁸

Os druidas, estabelecidos no litoral, se inspiraram em elementos diretos exteriores para a percepção de três círculos, sintetizando as forças naturais e morais. Existia uma iniciação de muitos graus e pode-se reencontrá-la na forma de culto; é no Cristianismo que a iniciação foi menos investigada. Julgo que a doutrina do Cristo tenha sido mais pura que as outras, por ser mais simples.

Os druidas eram tanto mais iniciados quanto mais acentuado era o seu grau pessoal de mediunidade. Entre eles, o sacerdote e a sacerdotisa vivendo no seio da natureza, recebiam a iniciação por intuição de um modo mais direto do que no culto cristão. ³⁹

Pergunta - Há, como alguns pretendem, uma diferença entre os celtas e os gauleses?

Resposta - Há entre os celtas, sob o ponto de vista humano, duas origens: a origem normanda e a anglo-normanda.

Existem na Bretanha pessoas de raça mais bronzada, de pigmento mais vermelho; talvez viessem da Atlântida, mas são casos isolados e raros.

³⁸ Ibid., p. 259.

³⁹ Ibid., p. 229.

Parece que teria havido, entre a Atlântida e a Bretanha francesa, uma ilha sobre a qual teriam vivido esses povos. Do país da Gasconha ⁴⁰ uma colônia teria imigrado na Ilha de Oleron ⁴¹.

Lembraí-vos que a centelha céltica é o elemento primordial que deve manter o atual nacionalismo francês, porque a centelha vital da consciência do francês originou-se do celta. ⁴²

O druida, quando observava o mar, banhava-se ao mesmo tempo, em ondas providas da floresta que se refletiam como um espelho sobre o lençol líquido. É assim que lhe veio a intuição da existência dos ciclos que vós conheceis. Em resumo, vós sabeis que a onda é uma sucessão de círculos, do ponto de vista vibratório.

Um dia ser-lhes-á dito por que o druida tinha essa intuição e porque, na obra divina, ela não é concretizada senão muitos milhares de anos mais tarde. Vós podeis notar que o movimento céltico de um lado, os movimentos cristão e budista-hindu de outro, são formados nos países ao mesmo tempo montanhosos, cobertos de bosques e vizinhos do mar.

Se o druida adorava a floresta, o Cristo amava a colina. Então, podeis evidenciar o fenômeno científico real de que a onda se presta mais à captação sobre um local elevado do que em baixadas, e que a vizinhança do mar auxilia poderosamente para a sensação das camadas vibratórias. A água capta o pensamento depois o transmite; ela é necessária para a fecundação da terra,

⁴⁰ Antiga região no sudoeste da França, terra dos celtas aquitanos.

⁴¹ Ilha francesa localizada no Oceano Atlântico.

⁴² Ibid., p. 231 e 232.

este é um fato que vós considerais sob o ponto de vista material e nós, sob o ponto de vista espiritual. ⁴³

A maioria destas mensagens foi recebida em uma reunião familiar, da qual tomava parte um número bem reduzido de pessoas, entre elas Léon Denis e sua secretária particular, nos últimos anos de sua vida, Claire Baumard. Foram todas reunidas no último capítulo de *O Gênio Céltico*. Como se vê, o conteúdo é bem profundo e excedia, segundo Denis, os conhecimentos do médium que as transmitiu. Ademais, o Druida de Lorena, apesar de todos os males físicos, notadamente a cegueira e a pneumonia que o matou, estava em plena posse de suas faculdades mentais. Era a própria lucidez em pessoa. Não iria inserir essas comunicações se tivesse alguma suspeita da sua autenticidade. Nelas, inclusive, o fundador do espiritismo confirma que esteve reencarnado como celta.

As gerações vindouras de espíritas devem a esse grande pensador espírita o resgate do pensamento celta. Ele e Allan Kardec, mas principalmente o Druida de Lorena, pelas circunstâncias em que viveu, foi o que mais se aprofundou, de modo bem apaixonado, nessa temática, que tem sido injustamente relegada ao ostracismo, não somente por ignorância, mas em função também da carência de literatura e de fontes históricas mais precisas.

⁴³ Ibid., p. 258.

7. O DRUIDA DE LYON

A doutrina druídica eleva-se, sob certos aspectos, às mais sublimes verdades
(Allan Kardec)

Uma grande dúvida deve ter surgido na mente de Rivail quando estava prestes a lançar a obra síntese da filosofia espírita, *O Livro dos Espíritos*, em 1857. Se assinasse com seu nome civil haveria muitas implicações, em função de seu status nos meios acadêmicos e culturais de Paris. Seus trabalhos científicos e pedagógicos, que lhe proporcionavam um vasto currículo como intelectual, poderiam causar uma certa confusão entre os futuros leitores. Henri Sausse, primeiro biógrafo do fundador do espiritismo, afirma que ele preferiu a sugestão, provavelmente da equipe de espíritos que lhe auxiliava, de assinar suas obras com o pseudônimo de Allan Kardec, “que conforme seu guia lhe revelara, ele trouxera nos tempos dos druidas.”⁴⁴

Em toda a kardequiana não há referências explícitas a essa informação, seja na biografia póstuma publicada na *Revista Espírita* (maio de 1869) ou mesmo em *Obras Póstumas*. Na ausência de documentos que provassem, ao menos, a origem deste dado, passou-se a confiar na tradição oral e nas afirmações transmitidas de geração a geração.

Interessante lembrar que Rivail teve uma grande resistência na aceitação da reencarnação: “Sobre este ponto, a doutrina dos espíritos nos surpreendeu; diremos mais: ela nos contrariou, porque derrubou as nossas próprias ideias.

⁴⁴ Henri SAUSSE, *Biografia de Allan Kardec*, p. 19.

(...) E não é tudo; nós não cedemos ao primeiro choque. Combatemos, defendemos a nossa opinião, levantamos objeções e só nos rendemos ante a evidência quando notamos a insuficiência de nossos sistemas para resolver todas as questões levantadas por esta matéria.”⁴⁵ Somente após muito debate com os espíritos é que ele se convenceu da veracidade deste princípio. No diálogo simulado com o Crítico, em *O Que é o Espiritismo*, Rivail admite que levou um razoável tempo para admitir os fenômenos mediúnicos: “Foi-me preciso mais de um ano de trabalho para convencer a mim mesmo; o que lhe prova que aquilo que consegui não foi apenas superficialmente.”⁴⁶ Sua reação deve ter sido bem cética e prudente, ao ser informado que fora um sacerdote druida em uma existência anterior. Atitude objetiva que sempre adotou desde jovem nos estudos de magnetismo.

Contudo, há divergências acerca da encarnação de Rivail como druida. As fontes históricas não são unânimes. Algumas situam a existência do druida Allan Kardec especificamente na Bretanha, outras na Gália. Há quem afirme que ele teria sido, na verdade, um descendente dos viquingues, dos normandos. Ou que os nomes *Allan* e *Kardec* corresponderiam a duas existências distintas entre os gauleses.

A médium inglesa Anna Blackwell (1816-1900)⁴⁷ conheceu Denizard Rivail pessoalmente. Chegou a receber

⁴⁵ Allan KARDEC, *Revista Espírita* (1858), p. 307 e 308.

⁴⁶ Allan KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 39.

⁴⁷ Anna Blackwell frequentava as reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e foi correspondente de Allan Kardec em Londres. Tornou-se amiga do casal Kardec e foi a primeira tradutora inglesa de *O Livro dos Espíritos*. Sua tradução, de 1875, é dedicada a Amelie Boudet, “a devotada esposa de Allan Kardec”, segundo suas próprias palavras.

uma comunicação sua em 4 de outubro de 1869, aproximadamente sete meses após a sua desencarnação. Verteu *O Livro dos Espíritos* para o inglês e, na apresentação, traça um perfil biográfico do fundador do espiritismo. Em relação ao seu pseudônimo, sustenta Anna que ele teve sua origem em uma existência na antiga Bretanha: “Um antigo nome Bretão da família de sua mãe.”⁴⁸

O parapsicólogo italiano Massimo Inardi, que foi presidente do Centro de Estudos Parapsicológicos de Bolonha, em seu livro *A História da Parapsicologia*, afirma que foi através da médium Japhet⁴⁹ que Rivail soube de uma de suas existências anteriores: “apresentou-se a Rivail uma entidade que declarou chamar-se ‘Z’ e que, dirigindo-se a ele lhe revelou tê-lo conhecido numa outra vida anterior. Isso acontecera numa floresta bretã da antiga Gália e Rivail era então **um druida, um bardo, um sacerdote inspirado e muito poderoso** que, no entanto, tinha um outro nome:

⁴⁸ No original: “An old Briton name in his mother’s family.” Jeanne Louise Duhamel, a mãe de Rivail, nasceu em Bourg-en-Bresse, sede do Departamento de Ain. “Extraordinariamente bela, talentosa, elegante e amável, foi sempre objeto de profunda admiração”, conforme a descrição de Anna Blackwell. Segundo dicionários etimológicos, o sobrenome Duhamel é de origem anglo-normanda. Isto confirma a informação de que ela teria tido antepassados na antiga Bretanha.

⁴⁹ Essa revelação ocorreu no início de 1856, conforme afirma Rivail em *Obras Póstumas*: “frequentei ao mesmo tempo as reuniões espíritas que se faziam à Rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e da Srta. Japhet, que era sonâmbula. Eram reuniões sérias e com muita ordem. As comunicações eram feitas por intermédio da médium Srta. Japhet, com o auxílio da cesta de bico”. (Minha Primeira Iniciação no Espiritismo, p. 222).

chamava-se **Allan Kardec** e era muito amigo da entidade em presença, cuja identidade, porém, jamais foi transmitida.”⁵⁰

Realmente, nunca se soube nada acerca da identidade desse espírito. Em mensagens posteriores apresentava-se apenas como Zéfiro. Rivail refere-se a ele como um espírito não muito elevado, benévolo. “Não era um espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por espíritos superiores, ajudou-me nas minhas primeiras obras.”⁵¹

No Prolegômenos há uma referência discreta a esse espírito: “Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudarmos nos teus trabalhos, porquanto esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já **um de nós te revelou**.”⁵² Este “um de nós” era o Zéfiro, que se tornou espírito protetor de Rivail.

Zéfiro (ou Zephyr) foi o apelido dado por Clementine Baudin, mãe das meninas-médium Julie e Caroline Baudin. Ele deixou de se apresentar apenas como “Z” e passou a adotar este nome, uma referência ao deus do vento, na mitologia grega, o vento vindo do Oeste: “Chamam-me pelo que sou: O Zéfiro da VERDADE. Anuncio a próxima descida dos eflúvios celestes que a VERDADE irradiará pelo Mundo.”⁵³

A revelação de que Rivail teria tido uma encarnação nas Gálias é corroborada por vários espíritas estudiosos e eruditos. O historiador espírita Zeus Wantuil, na volumosa

⁵⁰ Massimo INARDI, *A História da Parapsicologia*, p. 99.

⁵¹ Allan KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 220.

⁵² Allan KARDEC, *O Livro dos Espíritos* – Prolegômenos. (grifo meu).

⁵³ Canuto ABREU, *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária* - cap. X.

biografia do fundador do espiritismo, admite que o seu pseudônimo era o “ex-nome dele próprio em pretérita existência, ao tempo de Júlio César, nas Gálias, como druida.” ⁵⁴

O escritor Carlos Imbassahy confirma esse dado:

“Revelaram os espíritos que Denizard Rivail, em encarnações anteriores, vivera na Gália, onde se chamara Allan Kardec. Daí a proveniência do pseudônimo que adotou. Em nova encarnação fora o infelizmente João Huss.” ⁵⁵

“A notícia de que Allan Kardec tivera uma existência ao tempo de Júlio César data de 1856; a de ter sido João Huss veio em 1857.” ⁵⁶

Esclarece Imbassahy que “as fontes preciosíssimas” são os manuscritos do escritor espírita e erudito Silvino Canuto Abreu (1892-1980), hoje em poder de sua família. Em 1921 ele esteve em Paris, na livraria de Paul G. Leymarie. Lá, Canuto Abreu copiou a quase totalidade dos documentos e cartas, arquivos até então desconhecidos. Em 1925 foram transferidos para a Mansão dos Espíritas e posteriormente destruídos, em 1940, pelos nazistas na II Guerra Mundial, quando invadiram a França.

Imbassahy também cita uma enciclopédia inglesa: “*His pseudonym originated in mediunistic communications. Both Allan and Kardec were said to have been his names in previous incarnations*” (Seu pseudônimo é originado de comunicações me-

⁵⁴ Zeus WANTUIL & Francisco THIESEN, *Allan Kardec*, vol. III, p. 83.

⁵⁵ Carlos IMBASSAHY, *A Missão de Allan Kardec*, p.43.

⁵⁶ Ibid.

dianímicas. Diz-se que Allan e Kardec foram os seus nomes em encarnações anteriores).

“Ora, certa noite, o seu Espírito protetor “Z” lhe dá uma comunicação toda pessoal: informa-lhe que o conheceu numa existência anterior, quando, na época dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. O Espírito protetor lhe diz que o seu nome era, então, Allan Kardec.” ⁵⁷ Essa afirmação é do biógrafo André Moreil, provavelmente retirada de Henri Sausse. Para ele foi em 1857 que Rivail obteve tal informação de Zéfiro, por via mediúnica, e não em 1856, como afirma Imbassahy. No entanto, conforme as declarações de Denizard Rivail acerca de sua iniciação no espiritismo, conclui-se que a reunião onde se sucedeu o diálogo entre Rivail e Zéfiro foi realizada na casa do sr. Émile-Charles Baudin, amigo de Rivail, em dezembro de 1855. A médium, Caroline Baudin, sonâmbula, tinha 16 anos. A comunicação foi obtida por meio de uma corbelha, cesta de bico. Só mais tarde seria utilizada a psicografia.

A médium Ruth Celina Japhet, citada por Inardi, juntou-se às duas irmãs Baudin ⁵⁸ e participou ativamente da revisão final de *O Livro dos Espíritos*. As reuniões continuavam a ser realizadas na residência do sr. Baudin. De 1855 a 1857 e posteriormente, Rivail travou muitos diálogos com Zéfiro. Foi ele, inclusive, quem anunciou que ele teria de

⁵⁷ André MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec*, p. 66.

⁵⁸ As irmãs Baudin foram, em uma existência anterior, druidisas, conforme revelação do espírito Zéfiro, que se tornou protetor de Allan Kardec, assim como a médium Ermance Dufaux, segundo revelação dos espíritos São Luís (o seu guia) e Joana D'Arc. Ver *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*, de Canuto ABREU, cap. V.

reencarnar novamente a fim de concluir sua obra espírita. É possível, portanto, que tanto Inardi como Moreil e Imbasahy estejam corretos. Provavelmente, por mais de uma vez, o espírito Zéfiro dialogou com Rivail acerca de suas existências anteriores. A resistência de Rivail em aceitar a reencarnação certamente foi um dos motivos para que esses diálogos se repetissem e versassem sobre o mesmo tema, através de vários médiuns, ao menos até 1857.

A participação da médium Japhet, na elaboração da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, é explicada por Rivail no primeiro número da *Revista Espírita*, em 1858:

“Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho foram as senhoritas B... ⁵⁹, cuja boa vontade jamais nos faltou. O livro foi quase todo escrito por seu intermédio e em presença de numeroso público que assistia às sessões, nas quais tinha o mais vivo interesse. Mais tarde os Espíritos recomendaram uma revisão completa em sessões particulares, tendo-se feita, então, todas as adições e correções julgadas necessárias. Esta parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da Senhorita Japhet, a qual se prestou com a melhor boa vontade e o mais completo desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que marcavam dia e hora para suas lições.”

⁵⁹ Rivail, por costumeira discrição, omite o nome das meninas médiuns, as senhoritas Julie Baudin e Caroline Baudin, filhas do sr. Émile-Charles Baudin e da sra. Clémentine Baudin, em cuja residência, em Paris, eram realizadas as reuniões mediúnicas. Na época, em 1856, elas tinham respectivamente 15 e 18 anos. Desde 1853, a família Baudin realizava essas reuniões na colônia francesa da Ilha da Reunião, localizada na costa oriental da África, próxima à ilha de Madagascar, onde o espírito Zéfiro, ou Zephyr, futuro protetor de Rivail, começou a se comunicar.

A base inicial de *O Livro dos Espíritos* foram 50 cadernos ofertados pelo grande dramaturgo francês Victorien Sardou a Rivail, um detalhe essencial não mencionado por ele, nessa explicação sobre a origem do livro.

O conteúdo dos cadernos foi obtido através de reuniões mediúnicas, realizadas ao longo de cinco anos, por um grupo composto de vários intelectuais, do qual Sardou era membro e cuja médium era a senhorita Celina Japhet.

Além de Sardou, esse grupo de intelectuais era formado pelo seu filho, o professor e lexicógrafo Antoine Léandre Sardou; por Saint-René Taillandier, que seria o futuro membro da Academia Francesa; do livreiro e editor da Academia, Pierre-Paul Didier; do filósofo holandês Tiedeman-Marthàse e pelo grande amigo de Rivail, o sr. Carlotti.⁶⁰

⁶⁰ Zeus WANTUIL & Francisco THIESEN, Allan Kardec vol. II, p 71.

De acordo com o depoimento da médium Celina Japhet ao pesquisador russo Alexandre Aksakof, em um artigo por ele escrito e publicado no periódico londrino "The Spiritualist Newspaper", em 1875, esse círculo de experiências mediúnicas contou também com a participação de Abbé Chatel, dos três Demoiselles Bauvrais, do sr. Tierry, sr. Taillandier, sr. Tillman, sr. Ramón de la Sagia e o sr. Roustan, amigo de Rivail. O grupo começou suas atividades em 1849, por iniciativa da senhora d'Abnour, que havia retornado recentemente da América, onde presenciou vários fenômenos mediúnicos. Eles se reuniam uma vez por semana na casa da médium Celina Japhet, na Rua dos Mártires, 46. De início, as reuniões começavam com a formação de uma corrente, sob a forma de uma ferradura, que rodeava a médium Japhet, conforme o padrão norte-americano. Posteriormente, esta prática arcaica foi abandonada e o grupo optou pela psicografia, aprimorada por Japhet. A maior parte das comunicações foram obtidas por meio deste novo procedimento. Mais tarde, Rivail também iria adotar esta prática durante a elaboração do espiritismo, que acabou tornando-se padrão nas suas pesquisas mediúnicas.

Afirma Lantier que a fama de Rivail nos meios universitários como homem de síntese era notória. Era a aptidão que faltava aos membros do grupo. Além dos cadernos, ele recebeu uma vasta documentação relacionada aos fenômenos mediúnicos, vinda de várias partes do mundo, principalmente dos Estados Unidos.⁶¹

Atendendo aos pedidos do grupo, especialmente do amigo Carlotti, Rivail decide aceitar a tarefa de analisar os cadernos. É oportuno mencionar que a amizade de cerca de 25 anos entre ele e Carlotti pesou bastante na decisão do futuro fundador do espiritismo, bem como o incentivo de sua esposa, Amélie-Gabrielli Boudet. Carlotti, corso e de temperamento entusiasta e enérgico, conforme a descrição de Rivail em *Obras Póstumas*, foi o primeiro a informar-lhe da existência do curioso fenômeno das mesas girantes. Sua filha, Aline Carlotti⁶², uma jovem médium, fez parte do grupo de médiuns que, sob o princípio kardequiano da concordância universal, se prestou à comunicações mediúnicas fundamentais para a elaboração do espiritismo.

Grande parte do conteúdo daqueles 50 cadernos foi obtido mediante o concurso da jovem médium e sonâmbula Celine Japhet. Quem apresentou a médium Japhet a Rivail foi Sardou. Aliás, foi justamente nas reuniões realizadas na Rua dos Mártires, residência de outro amigo de

⁶¹ Jacques LANTIER, *O Espiritismo*, p. 58.

⁶² Foi através da jovem médium Aline Carlotti que O Espírito Verdade, guia espiritual de Rivail, confirma a sua missão, anteriormente anunciada por alguns espíritos. O fato se deu numa reunião realizada na casa do sr. Carlotti, em 12 de junho de 1856 (ver *Obras Póstumas*, p. 232).

Rivail, o sr. Japhet, viúvo e guarda-livros, e obviamente com a presença da sua filha, a menina Japhet, que ele pôde conhecer melhor Victorien Sardou. É possível que Rivail o conhecesse anteriormente apenas de vista, pois, em função de dificuldades financeiras, ele trabalhou por alguns anos em um teatro, prestando serviços como guarda-livros. Foi neste grupo que Rivail privou da convivência com o célebre dramaturgo, que viria a se tornar um importante médium nas reuniões da vindoura Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Como vimos, a informação de que Rivail teria sido um druida chamado Allan Kardec foi obtida pela revelação do espírito Zéfiro, provavelmente em dezembro de 1855. No primeiro contato de Rivail com Zéfiro, surgiu inevitavelmente a questão da encarnação do fundador do espiritismo como arquidruida. E em janeiro de 1856, quando as reuniões mediúnicas passaram a ter um planejamento e controle rigoroso de Rivail, o tema deve ter vindo à tona com mais detalhes.

Neste mesmo ano Rivail passa a frequentar as reuniões mediúnicas promovidas pelo sr. Carlotti, em sua residência, e com a presença de Japhet. Nestas reuniões, ela obtinha comunicações mediúnicas por meio da cesta de bico. Portanto, a afirmação do parapsicólogo e escritor Massimo Inardi de que foi através de Japhet que ele teria tido a informação acerca de sua encarnação como druida não é destituída de verdade.

A fonte da afirmação de Massimo Inardi encontra-se, certamente, no artigo escrito pelo grande pesquisa-

dor russo dos fenômenos medianímicos, Alexandre Aksakof, intitulado *Researches on the Historical Origin of the Reincarnation Speculations of French Spiritualists* (Pesquisas Sobre a Origem Histórica das Especulações Reencarnacionistas dos Espiritualistas Franceses), originalmente publicado no periódico londrino "The Spiritualist Newspaper", em 1875.⁶³

No referido artigo, Aksakof, analisa o surgimento da teoria reencarnacionista em solo francês, considerando-a mais como dogma do que fruto da investigação; fala de Allan Kardec e do espiritismo, com críticas contundentes, posteriormente refutadas pela médium inglesa Anna Blackwell e pelo então editor da *Revista Espírita*, Paul G. Leymarie.

Para sua grata surpresa, o pesquisador russo encontra pessoalmente a médium Ruth Celina Japhet⁶⁴, a despeito do boato de sua suposta desencarnação. Ela estava

⁶³ Esse artigo de Alexandre Aksakof foi incluído no livro da escritora norte-americana e pesquisadora do espiritualismo, Emma Hardinge Britten, intitulado *Nineteenth Century Miracles Or Spirits and Their Work in Every Country of the Earth*, lançado em 1884 e disponível somente em inglês. Ele pode ser conferido no periódico londrino de estudos psíquicos *Psypionner* em sua edição de novembro de 2008, vol. 4 - nº 11. URL: <http://www.woodlandway.org/PDF/PP4.11November08..pdf>

O blog espírita *Decodificando O Livro dos Espíritos*, dirigido por Vital Cruvinel e Leopoldo Daré, também publicou esse artigo, contendo o texto original e também uma tradução feita por Vital Cruvinel. URL: <http://decodificando-livro-espiritos.blogspot.com>

⁶⁴ Segundo Aksakof, o verdadeiro nome dessa importante médium era Ruth Celina Bequet. Sob a orientação do sr. Roustan, ela torna-se sonâmbula profissional e, por motivos familiares, passa a se chamar Ruth Celina Japhet.

sim muito bem viva e morando em Paris. Ele consegue uma entrevista inédita com ela, cujo depoimento foi bastante esclarecedor ao tema que estamos analisando. Nesta época, Japhet contava com quase 40 anos de idade.

Afirma Japhet que a revelação mediúnica da origem do pseudônimo adotado por Rivail, para assinar suas obras espíritas, foi obtida por ela e também pelo médium Roze.⁶⁵ Isto se deu em 1856. Japhet tinha 20 anos de idade.

Ao comentar o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, assim se expressa Aksakof:

“Como ele [*O Livro dos Espíritos*] também foi anexado a um jornal importante, o *L'Univers*, ele [Rivail] publicou seu livro com os nomes que ele teria tido em suas duas existências anteriores. Um destes nomes era Allan — revelado a ele pela senhora Japhet, e o outro nome, Kardec, foi revelado a ele pelo médium Roze.”⁶⁶

Esta informação contradiz, aparentemente, o que foi dito pelo biógrafo Henry Sausse e pela médium e tradutora inglesa Anna Blackwell. Rivail teria tido então duas existências, uma com o nome de Allan e outra com o nome de Kardec, e não uma como o druida Allan Kardec, segundo afirmou Sausse. De acordo com Japhet, foi da junção do nome de duas existências anteriores de Rivail que

⁶⁵ O médium citado é M. Roze, que muito auxiliou Rivail em seus trabalhos de pesquisa na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Na *Revista Espírita*, foram publicadas muitas mensagens mediúnicas por ele recebidas.

⁶⁶ No original: “As he was also attached to an important journal, *L'Univers*, he published his book under the names which he had borne in his two previous existences. One of these names was Allan — a fact revealed to him by Madame Japhet, and the other name of Kardec was revealed to him by the medium Roze.” Tradução de Vital Cruvinel.

teria surgido o nome Allan Kardec. Enquanto que para Anna, este foi o nome de um antepassado bretão da mãe do fundador do espiritismo. Quem estará com a razão?

Denizard Rivail foi um druida numa existência anterior, provavelmente um arquidruida, o “chefe druida”, segundo a expressão de seu espírito protetor, Zéfiro. Quanto a isto parece não haver dúvida, em que pesem as fontes contrárias a tal informação. O período em que viveu é que não sabemos. De um modo geral, revelações sobre vidas passadas, feitas pelos espíritos, quase sempre se apresentam de forma nebulosa, sem muita precisão histórica. Eles fornecem a informação, que precisa ser analisada, comparada, conferida. Esta, a nossa função. Quem tem que se preocupar com o rigor acadêmico somos nós e não eles, os espíritos.

Essa contradição toda no caso das vidas passadas de Rivail ocorre em função da falta de documentação histórica sobre o assunto. Não temos, por enquanto, acesso aos manuscritos de Canuto Abreu. Infelizmente, não sabemos exatamente o motivo, nunca vieram a lume. Os herdeiros parece que guardam a sete chaves esses preciosos e “segretos” documentos. Com a fundação do Museu Espírita de São Paulo, em 18 de abril de 1997, é possível que tais manuscritos possam, em sua totalidade, tornarem-se acessíveis.

O túmulo de Rivail foi construído no formato de um dólmen, um monumento associado diretamente ao druidismo, aos celtas e gauleses, cuja filosofia se assemelha à espírita. A comissão encarregada de erigi-lo,

sob a direção de sua esposa, Amélie Boudet, viu nele “a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que se tratava de simbolizar.” ⁶⁷ Um monumento funerário à altura do Druida de Lyon.

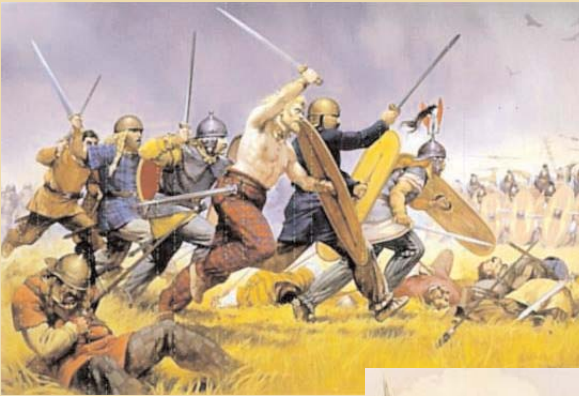
A tradição diz que Rivail foi um druida, na Gália ou, especificamente, na Bretanha antiga. Como vimos, várias fontes confirmam sua encarnação como druida. Todavia, a questão fica, por enquanto, em aberto, na falta de maiores informações. Por sua vez, a suposição de que ele teria tido uma encarnação como normando, portanto descendente de viquingues, não é totalmente destituída de verdade, como veremos a seguir.

⁶⁷ Allan KARDEC, *Revista Espírita* - julho de 1869, p. 174.



Os celtas surgiram na Europa no início do segundo milênio a.C. Após uma série de migrações, esse povo, vindo do norte, começou a se constituir como uma civilização por volta do século 14 a.C. Era um povo guerreiro, com vestuário peculiar, armas e utensílios; produziam objetos com ornamentos complexos e estilizados. No período de 500 a 50 a.C., toda a Europa Ocidental, a Península Ibérica, Gália e Grã-Bretanha estavam ocupadas por essa magnífica civilização, cuja história se confunde com seus mitos e lendas, cantada pelos bardos.

Ilustração: Argus McBryde



Possuíam uma aparência exótica, singular. Eram extremamente altos, claros, de olhos verdes ou azuis, cabelos loiros ou ruivos que untavam com suco de limão para ficarem esticados para trás. Usavam bigodes espessos e bragas, espécie de calça comprida com túnicas de linho até o joelho, tingidas de cores vivas, como os xales e saias dos escoceses atuais. Eram guerreiros temíveis, que se atiravam seminus sobre o inimigo como uma horda invencível e assustadora, indiferentes à morte e a ferimentos.





Na sociedade celta, as mulheres desempenhavam um papel fundamental, bem diferente de outros povos onde eram extremamente oprimidas e submissas. Tão guerreiras quanto os homens, elas tinham acesso à propriedade, podiam escolher seus maridos e participar da vida política do clã, a unidade social básica. Os celtas praticavam uma espécie de socialismo primitivo, mas de gestão anárquica, sem submissão a um poder central, estatal. As vilas eram fortificadas, normalmente protegidas por muralhas de pedra ou madeira.



Reprodução/Os Celtas - Robin Place



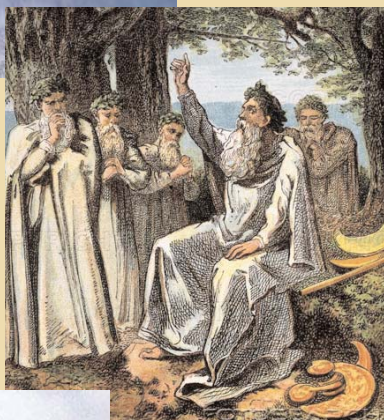
A habitação céltica era arredondada, com planta circular, feita de pedra, barro ou pau-a-pique. Era um ambiente coletivo onde se tecia, faziam-se as roupas e os alimentos. As mulheres passavam boa parte do tempo tecendo e cozinhando num grande caldeirão de metal, sempre com a presença das crianças e de pessoas idosas.





Os druidas representavam o ponto de equilíbrio da sociedade celta. Eram legisladores, médicos, educadores, músicos. Formavam uma elite à parte, cuja sabedoria e conhecimento da magia e forças da natureza eram notórias. Sua origem se confunde com a da civilização celta. Eles se equiparavam aos brâmanes, aos sacerdotes do antigo Egito e aos magos babilônicos. Seu alto nível de conhecimento intelecto-moral contradiz a falsa imagem de bruxos, de feiticeiros malignos, ainda presente no imaginário popular. A tradição esotérica afirma que eles eram oriundos do continente perdido de Atlântida, descendentes dos povos hiperbóreos, adoradores do sol e do fogo. Já os historiadores contemporâneos consideram-nos vinculados aos xamãs da antiga civilização cita, oriundos da região atual do Irã.

Eles eram os responsáveis pelos rituais iniciáticos e de fertilidade, onde as druidisas desempenhavam uma função essencial. Os gregos os chamavam de “sábios do carvalho”. Graças a eles, os celtas eram vistos como um povo filósofo.



Merlin, o Mago, segundo a lenda das Brumas de Avalon, o druida Panoramix das histórias em quadrinhos de Asterix, o Gaulês e Gandalf, o Cinzento, na epopéia de O Senhor dos Anéis, escrita por J.R.R. Tolkien e que teve várias versões para o cinema: representações muito próximas dos antigos druidas da fabulosa cultura céltica.



A arte céltica demonstra que os celtas não eram um povo qualquer. Eles dominavam plenamente a arte de moldar metais como a prata, o cobre e o bronze.

Pote celta do castelo Maiden.



Vasilha de prata conhecida como Caldeirão Gundestrup, um dos mais enigmáticos vestígios da arte celta, é toda decorada em alto-relevo, contendo cenas dos mitos célticos.



Produziam jóias, ornamentos, objetos e utensílios domésticos com uma técnica fora do comum. Esse povo se tornou lendário pela suntuosidade de suas ornamentações, cuja composição estética influenciou a arte cristã, especialmente a arte gótica da Idade Média.

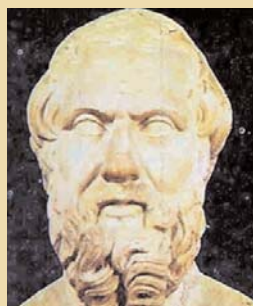


O Triskele, símbolo celta que representa as tríades da vida em eterno movimento e equilíbrio.

O cálice de Ardagh, um dos mais preciosos artefatos da arte celta, é feito de ouro e prata com decoração tipicamente celta.

Ao lado, detalhe do Caldeirão Gundestrup representando Cernunnos, o deus céltico da fertilidade.

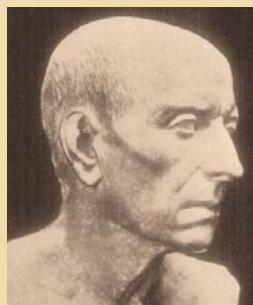




Heródoto (480 - 425 a.C.)



Aristóteles (384 - 322 a.C.)

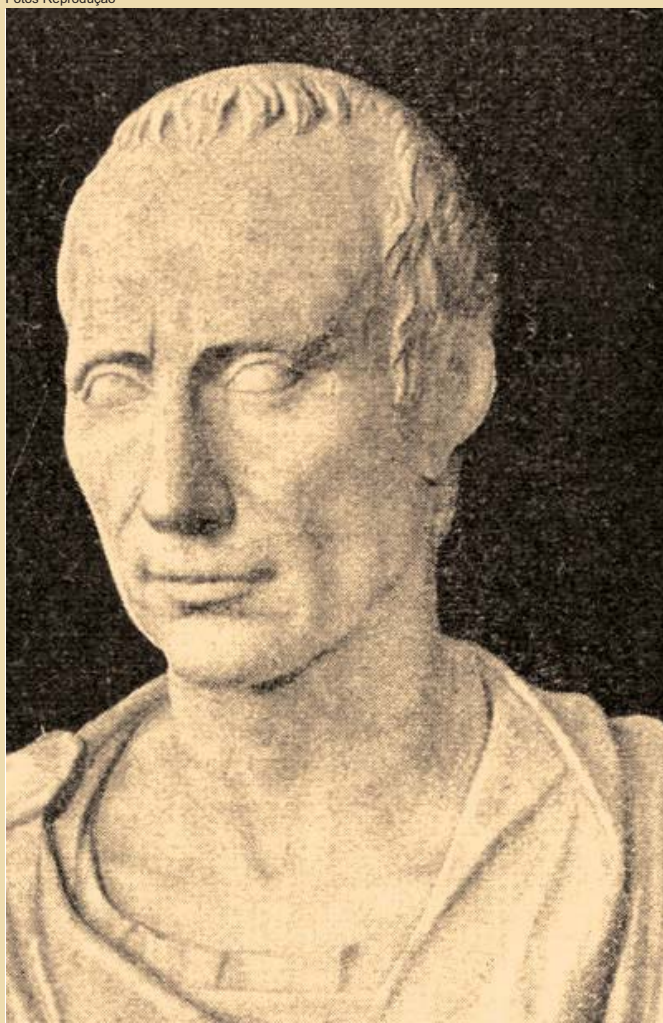


Cícero (106 - 43 a.C.)



Eratóstenes (284 - 192 a.C.)

Fotos Reprodução



Júlio César (63 a.C. - 14 d.C.)

A referência histórica mais antiga sobre os celtas se encontra em Heródoto, o Pai da História, ao citar, em 5 a.C., os celtas como um povo, existente na nascente do rio Danúbio. O astrônomo grego Eratóstenes descreve-os disseminados por toda a Europa e além dos Alpes. Aristóteles fala deles como os hiperbóreos, da antiga Atlântida. Segundo ele, a filosofia nasceu com os celtas, o povo filósofo. Cícero cita as druidisas e o imperador romano Júlio César em sua obra Comentários da Guerra com os Gauleses, descreve em detalhes os celtas gauleses, especialmente os druidas. Ele subjugou a Gália em 52 a.C. depois de seis longos anos de sangrentas batalhas.



Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, segundo revelação de Zéfiro, seu espírito protetor, teria sido um chefe druida ou arquidruida e teria vivido na antiga Bretanha, ao tempo de Júlio César. Essa informação é confirmada pelo escritor francês Henri Sausse (acima à dir.), considerado o primeiro biógrafo do fundador do espiritismo.



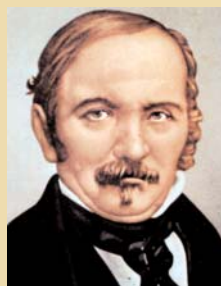
Conan Doyle, o célebre autor de Sherlock Holmes, chamava o filósofo espírita francês Léon Denis de O Druida de Lorena. Denis se considerava um druida reencarnado que teria vivido no oeste da Gália antiga. O Gênio Celta e o Mundo Invisível, sua obra derradeira, registra em detalhes como se deu o seu interesse pela filosofia espírita e a cultura celta.

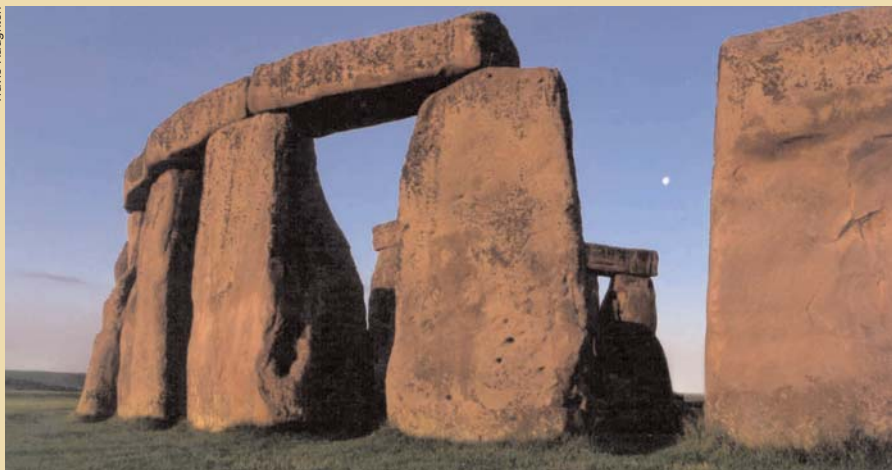


Rollon (860 - 932 d.C.), o líder dos bárbaros nórdicos, povo viking vindo da Escandinávia, atual Dinamarca, que invadiu a França no século 9, tornou-se o Duque da Normandia, após acordo celebrado em 911 d.C. com o então rei francês Carlos, o Simples. Rollon tinha um filho que foi curado de uma enfermidade por um chefe de comunidade, chamado Allan Kardec. A fonte desta informação está em um manuscrito de Rivail, onde ele esclarece a verdadeira origem de seu pseudônimo. Esse manuscrito se encontra em poder do sr. Leymarie, editor e livreiro em Paris, herdeiro de Pierre-Gaëtan Leymarie, o fiel amigo e companheiro de Rivail. O historiador brasileiro Canuto Abreu provavelmente obteve uma cópia desse documento. De fato, o nome Allan Kardec tem mais afinidade linguística com as línguas nórdicas do que com nomes ou topônimos de origem céltico-gaulesa. Essa informação desmente a tradição oral de que esse teria sido o nome de uma encarnação de Rivail como arquidruída.



O espírito Zéfiro revelou a Rivail, em 1857, que além de arquidruída, ele também teria tido uma encarnação como o líder religioso tcheco João Huss (1372-1415 d.C.), excomungado e queimado pela Inquisição devido às suas ideias contrárias aos abusos da Igreja, antecipando assim em um século a Reforma de Lutero.





Os Círculos de Pedra, denominados de Stonehenge (do inglês arcaico stan, pedra e hencg, eixo), são um monumento megalítico da Idade do Bronze, datados pelos arqueólogos a partir de 4000 a.C. e localizados na planície de Salisbury, norte da Inglaterra. Apesar de serem associados aos druidas, eles não foram construídos pelos celtas, o que seria historicamente impossível. Sabe-se hoje que eles serviram como uma espécie de observatório astronômico. Os druidas usavam esses monumentos para seus rituais, assim como os primitivos cristãos se serviram da arquitetura romana para suas igrejas. O túmulo de Rivail, no Père-Lachaise, em Paris, França, foi construído no formato de um dólmen, unidade arquitetônica básica desses monumentos, uma referência ao druidismo, já que segundo revelação de seu espírito protetor, ele teria sido um arquidruída em uma existência anterior. A comissão encarregada da execução desse monumento funerário, sob a coordenação de sua esposa, Amélie Boudet, viu nele “a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que se tratava de simbolizar”.



8. ALLAN KARDEC: CELTA OU NORMANDO?

*Há no celta, do ponto de vista humano, duas origens:
a origem normanda e anglo-normanda.*

(Allan Kardec, espírito)

Reza a tradição oral no espiritismo, na ausência de documentação mais precisa, que o nome Allan Kardec – pseudônimo adotado por Denizard Rivail – refere-se a um druida “bretão”, logo um celta, ao tempo do imperador romano Júlio César. Esta informação, de que o druida Allan Kardec tenha sido oriundo da antiga Bretanha, é confirmada por vários biógrafos.

É oportuno lembrar os comentários de Canuto Abreu sobre a origem etimológica do nome Denizard:

“Segundo creio, o nome Denizard deriva da velha expressão latina Dionysos Ardenae, designativa de Deus Dyonísio, da Floresta de Ardenas. Dentro dessa imensa mata gaulesa que Júlio César calculava em mais de 500 milhas, os Druidas celebravam as evocações festivas do Deus Nacional da Gália, denominado Te-Te-Te, Altíssimo, representado por um carvalho secular.”

“À sombra do carvalho divino os legionários romanos, após a derrota de Vercingetórix, ergueram a estátua do Deus Dionysius, também conhecido pelo nome de Bacchus, deus das selvas, das campinas, das uvas, dos tri-gais, amante da rusticidade e da liberdade. E, de conformidade com o costume dos conquistadores, inscreveram uma legenda latina ao pé do monumento. Supõe-se que rezava assim: Dionysio Rústico Eleuthero, com a significação de Dionísio campestre em liberdade”.

“Dionysius sofreu a evolução simplificativa Dionysio-Dionys-Denis. Ardenae, latinização de ard-nae, mata grande, simplificou-se em ard”.⁶⁸

O nome Denizard foi consagrado a Denis-Ard, protetor espiritual da França. Isto também pode ser aplicado ao nome do filósofo espírita Léon Denis que, curiosamente, se inscreve ao nome civil de Kardec: Hippolyte **Léon Denizard Rivail**.

A médium e tradutora inglesa Anna Blackwell (1816-1900), no prefácio da edição inglesa de *O Livro dos Espíritos*, por ela traduzido e lançado na Inglaterra em 1875, faz uma citação deveras interessante e esclarecedora acerca do uso do pseudônimo de Denizard Rivail:

“Para o livro no qual você irá incorporar nossas instruções”, continuaram as inteligências comunicantes, “você dará, por ser nosso trabalho mais do que o seu, o título de 'O Livro dos Espíritos'. E você o publicará, não com seu próprio nome, mas sob o pseudônimo de Allan Kardec.”⁶⁹

A reprodução desta afirmação imperativa dos espíritos, feita por quem conheceu o casal Rivail e privou de sua intimidade, merece uma análise.

Rivail nunca esclareceu em suas obras a verdadeira origem de seu pseudônimo. Manteve sempre a discrição, como lhe era habitual. Em público, jamais afirmou que

⁶⁸ Citado por Carlos Imbassahy in *A Missão de Allan Kardec*, p. 32/33.

⁶⁹ Prefácio de Anna BLACKWELL in *The Spirit's Book*. Tradução de Míriam de Domênico Rodrigues. Nesta passagem há, no original, uma nota explicativa sobre a procedência bretã do nome Allan Kardec, que seria oriundo de um antepassado de sua mãe.

teria sido um druida e nem entrou em detalhes acerca da origem do pseudônimo que adotou.

No entanto, todos os biógrafos são unânimes em afirmar que Rivail assim agiu a fim de não confundir sua notória atividade pedagógica, científica e cultural com a então inusitada posição de investigador dos fenômenos medianímicos, na fundação de uma inovadora e singular filosofia espiritualista. Ele preferiu adotar outro nome, como fazem muitos escritores, apenas para não causar algum tipo de ambiguidade ou qualquer ambivalência, de modo a preservar a sua privacidade, a sua personalidade como Hippolyte Léon Denizard Rivail, um nome então socialmente consagrado em toda a França.

Seu primeiro biógrafo, Henri Sausse, confirma esta sua atitude, ao sustentar que por ser “o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de Allan Kardec que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos Druidas.”⁷⁰ Este “guia”, o espírito “Z”, como vimos, era o Zéfiro, seu espírito protetor, assim apelidado pela mãe das irmãs Baudin.

Apesar da aparente imposição das “inteligências comunicantes”, segundo a descrição de Anna Blackwell, foi Rivail quem tomou essa decisão, somente após consultar diversos espíritos, como sempre fez ao longo de seu trabalho de elaboração do espiritismo.

⁷⁰ Henri SAUSSE. *Biografia de Allan Kardec*.

Quanto à origem de seu pseudônimo, curiosamente, ao contrário do biógrafo Henri Sausse, Anna Blackwell não faz qualquer menção a sua possível encarnação como um druida. Refere-se apenas à origem genealógica e geográfica do nome Allan Kardec, oriunda da antiga Bretanha.

Cabe lembrar que a Bretanha, um território peninsular a oeste da atual França, era uma região da Gália antiga, conhecida como parte da Armórica. Várias tribos célticas habitavam este lugar. Em 58 a.C. os romanos conquistaram essa região seis anos depois da vitória sobre os gauleses. Ela somente passou a ter o nome de Bretanha (*Britannia Minor*) por volta de 500 d.C., devido obviamente aos imigrantes bretões, fugidos da Ilha da Bretanha (atual Grã-Bretanha) que, em função da invasão anglo-saxônica, aí se estabeleceram.

No século 10 sofre nova invasão, desta vez pelos normandos, que já haviam tomado a Normandia, região cedida a estes invasores pelo rei da França, Carlos III.

Portanto, o druida “bretão” Allan Kardec, caso existisse, teria sua origem naquela região, antes da subjugação da Gália por Júlio César, em 52 a.C. Ele seria originário de algumas daquelas tribos célticas. Bretão está entre aspas apenas para ressaltar que esse qualificativo, no caso, tem a ver apenas com a região, com a geografia e não com a sua origem étnica.

Todavia, essa origem bretã do nome Allan Kardec, apenas do nome e não do druida, é confirmada no *Dicionário de Pseudônimos*, de autoria de Georges D’Heilly, lançado

em outubro de 1867. Denizard Rivail ainda estava encarnado. Sobre o pseudônimo Allan Kardec, diz o verbete:

“Quanto à escolha de seu pseudônimo, ele próprio [Rivail] contou sua origem. Tinha-lhe sido revelado, diz ele, pelos espíritos, que numa encarnação bem anterior à vida presente, chamava-se realmente assim, e também, como tal, foi chefe de um clã bretão no século XII.” ⁷¹

Esta informação de Rivail ter sido um bretão em alguma encarnação anterior é confirmada também por seu amigo e grande colaborador, Alexandre Delanne, mais conhecido como o pai do grande pensador e pesquisador espírita Gabriel Delanne. Junto com seu filho, fundou e dirigia um periódico intitulado *Le Spiritisme*. Na edição de maio de 1888, em um artigo sobre a relação de Allan Kardec com o Espiritismo, ele faz o seguinte testemunho:

“Há ainda um outro detalhe que temos do próprio autor [Kardec]. Veja como ele apresenta o pseudônimo que haveria de assinar seus escritos:”

“Você tomará o nome de Allan Kardec, que nós te damos. Não se preocupe com isto, ele é seu, você já propi-

⁷¹ No original: “Quant au choix de son pseudonyme, il en a raconté lui-même l’origine. Il lui avait été révélé, dit-il, par les esprits, que dans une incarnation bien antérieure à la vie présente il se nommait réellement ainsi, et que même, comme tel, il avait été au XII^e siècle chef d’un clan breton.” In *Dictionnaire des Pseudonymes*, recueillis par Georges D’Heilly, p. 7 (56) - 2^a ed. E.Dentu, Libraire-Éditeur - Libraire de la Société des Gens de Lettres, Paris-France [1869].

URL: <http://www.archive.org/stream/dictionnairedes00hey/goog#page/n181/mode/1up>

ciou muita dignidade em uma encarnação anterior, quando vivia na antiga Armórica.”⁷²

O verbete de Georges D’Heilly e esta referência contida no artigo de Alexandre Delanne confirmam a informação fornecida por Anna Blackwell de que o nome Allan Kardec era de origem bretã. Todavia, convém observar que esse chefe de um clã bretão não poderia ser um druida, em função da época em que viveu.

Por sua vez, o filósofo espírita Léon Denis aceitava a hipótese de que Rivail teria encarnado como druida, não necessariamente na Bretanha, mas sim na Escócia, um dos países onde a cultura celta sobreviveu, tornando-se um de seus redutos culturais após a subjugação romana. No discurso na tumba de Rivail, no Père-Lachaise, em 31 de março de 1916, por ocasião do aniversário de seu passamento, quando se refere aos monumentos megalíticos, Denis afirma:

“Nessas profundas fontes Allan Kardec ilustrou seu espírito e em ambientes idênticos ele outrora viveu. Talvez não na Bretanha, mas na Escócia, conforme indicação de seus guias. A Escócia era habitada pela mesma raça e

⁷² No original: “Ajou ons encore un détail que nous tenons de l’auteur même. Voici de quelle manière on lui indiqua le pseudonyme dant il devait signer ses écrits:

“Tu prendras le nom de: Allan Kardec, que nous te donnons. Ne crains rien a ce sujet, il est le tien, tu l’as déjà porté très dignement dans une incarnation précédente, lorsque tu habitais la vieille Armorique.”

O periódico bimensal *Le Spiritisme* começou a ser publicado em março de 1883. O trabalho era feito em família. Gabriel Delanne, de colaborador, passou a redator da revista. Alexandre Delanne também produzia artigos e sua esposa, a sra. Alexandrina Delanne, cuidava da parte administrativa e das assinaturas.

ali os monumentos megalíticos são numerosos. Ainda hoje a tradição céltica paira sobre os lagos e os montes, entre as neblinas melancólicas do Norte.⁷³

O desencontro de informações, como vemos, é razoavelmente grande. Teria tido Rivail uma encarnação na Bretanha, antes ou depois da imigração dos bretões? Na Escócia ou na Gália antiga? Que duas encarnações foram aquelas reveladas por Celine Japhet a Aksakof, no artigo analisado no capítulo anterior? Entre os estudiosos e biógrafos do fundador do espiritismo, não se concebe a dúvida de que ele tenha sido um druida. O problema mesmo é saber exatamente quando, onde e, principalmente no caso, sob qual nome. E esse nome, corresponde a alguma encarnação como druida? Tudo leva a crer que não.

Somente Denizard Rivail poderia esclarecer toda e qualquer dúvida acerca do uso de seu pseudônimo. Isto ele o fez, ao menos em parte, nas informações passadas ao escritor Georges D'Heilly e em uma carta endereçada a seu amigo e empresário sr. Tiedeman.⁷⁴ Esta carta faz

⁷³ Léon DENIS. *O Mundo Invisível e a Guerra*, cap. VI.

⁷⁴ Antes de lançar a *Revista Espírita*, Rivail procurou um investidor, o barão Tiedeman, — “amigo seu e dos espíritos”, segundo o biógrafo André Moreil — destinatário desta carta. Ele hesitou em apoiar o empreendimento imaginando, obviamente, que seria comprometedor ou então, um fracasso editorial. Os espíritos, em um diálogo obtido através da médium Ermance Defaux, em 15 de novembro de 1857, aconselharam Rivail a investir sozinho na primeira edição. O lançamento do mensário foi um sucesso de vendagem, possibilitando a Rivail uma independência editorial e econômica que não seria possível caso o sr. Tiedeman, certamente arrependido, tivesse aceitado o risco de investir no lançamento da revista. Ver *Obras Póstumas*, de Allan Kardec – Minha Primeira Iniciação no Espiritismo.

parte do acervo de propriedade do historiador espírita Canuto Abreu. Ela diz:

“Duas palavras ainda a propósito do pseudônimo. Direi primeiramente que neste assunto lancei mão de um artifício, uma vez que dentre 100 escritores há sempre 3/4 que não são conhecidos por seus nomes verdadeiros, com a só diferença de que a maior parte toma apelidos de pura fantasia, enquanto que o pseudônimo Allan Kardec guarda uma certa significação, podendo eu reivindicá-lo como próprio em nome da Doutrina. Digo mais: ele engloba todo um ensinamento cujo conhecimento por parte do público reservo-me o direito de protelar... Existe, ainda, um motivo que a tudo orienta: não tomei esta atitude sem consultar os Espíritos, uma vez que nada faço sem lhes ouvir a opinião. E isto o fiz por diversas vezes e através de diferentes médiuns, e não somente eles autorizaram esta medida, como também a aprovaram.”⁷⁵

Supondo ainda que o druida Allan Kardec tenha existido, é forçoso observar que a morfologia e a etimologia de seu nome não estão em conformidade com as línguas gaulesas, nem com as línguas protoceltas, já que os gauleses são uma das muitas variantes étnicas dos povos celtas. Da mesma forma que os celtibéricos (da Península Ibérica), os bretões (da Bretanha francesa) e os celtas galeses (do País de Gales).

A rigor, fosse esse nome de origem gaulesa, a grafia provavelmente deveria ser **Anam Karderix** ou **Alan Karderix**. Kardex seria, no caso, uma corruptela de Kardec, algo bastante improvável.

⁷⁵ Zeus WANTUIL e Francisco THIESEN, *Allan Kardec* – vol. II, p. 76.

Anam era a palavra utilizada pelos celtas para designar alma. E de todas as palavras célticas, essa é uma das que se aproximam da grafia *allan*, bem como de sua expressão fonética.

As palavras *alan* e *alam*, sempre com um “ele”, existiam entre os povos celtas. É possível que derivem de *anam*. Muitos dicionários populares da origem de nomes apontam Alan, Alana ou mesmo Lana como de origem celta, gaélica; outros falam que é de origem germânica.

Outra origem do nome Allan seria também britânica, mais por influência dos normandos. Segundo alguns dicionários etimológicos, este nome passou a ser empregado no século 9, na Grã-Bretanha, após a invasão da Normandia, território francês localizado ao noroeste. Tornou-se um nome bastante comum na Inglaterra e outros países do Reino Unido, principalmente na Escócia. Há várias personalidades conhecidas com o nome **Allan**: Alan White, baterista do grupo inglês de rock progressivo Yes e Alan Parsons, que foi engenheiro de som da banda psicodélica Pink Floyd, também inglesa. Um outro bem conhecido, apesar de não ser inglês, é o célebre poeta e escritor norte-americano Edgar *Allan* Poe.⁷⁶ Allan, com dois “eles”, é uma variação de Alan, o nome original.

⁷⁶ O grande escritor norte-americano Edgar **Allan** Poe (1809-1849) foi contemporâneo de Rivail. Seus temas inspirados em fatos enigmáticos e sobrenaturais certamente atraíram sua atenção. Rivail deve ter lido seu livro *Histórias Extraordinárias*, vertido para o francês pelo poeta Baudelaire. Curiosamente, o nome **Allan** foi acrescentado ao patronímico do escritor, pelos seus tutores ou por ele mesmo. Edgar Poe era órfão de pai (vivo) e mãe (morta) e seus tutores, de origem escocesa, tinham **Allan** como sobrenome.

Há, entretanto, também no gaélico (sublíngua céltica das Ilhas Britânicas), a palavra *alan*. E no caso do pseudônimo de Rivail, deveria ser então Alan, apenas com um “ele”. A exemplo, o jogador de futebol Alan Kardec ⁷⁷, revelado pelo clube carioca Vasco da Gama, teria o nome mais correto do que o próprio Kardec. Um fato irônico tanto quanto curioso, pois seu nome possui somente um “ele”, mais por erro na grafia do que por rigor linguístico. Supondo, é claro, que a palavra *alan*, como nome próprio, tenha realmente sua origem no gaélico.

A consoante “k” também era usual nas línguas celtas. E no caso de “Kardec”, ou melhor, Karderix, apõe-se o sufixo *rix* a Karde. *Rix* tem correspondência com *rex*, no latim, que também significa rei. No céltico irlandês é *rí*. Justamente por isso que os nomes próprios gauleses sempre são acompanhados do sufixo *rix*, como o do grande líder gaulês Vercingetórix.

Podemos observar esse fato nos personagens da história em quadrinhos *Asterix, o Gaulês*, de autoria de Albert Uderzo e René Goscinny. Eles fizeram uma ampla pesquisa, consultaram linguistas e historiadores, a fim de criarem seus personagens. A começar por Asterix, inspirado em Vercingetórix. Temos também o bardo, Chatotorix e o mais idoso do clã, Geriatrix. Panoramix (do francês *panoramique*, o druida) e Obelix, deveriam

⁷⁷ O nome do jogador de futebol Alan Kardec de Souza Pereira Júnior, católico, cujo avô paterno era espírita, logicamente foi herdado de seu pai. Nascido em 12 de janeiro, ele foi revelado pelo clube carioca Vasco da Gama em 2007, quando tinha 18 anos, tendo sido vendido ao clube Benfica, de Portugal, em 2009.

ser, respectivamente, Panorarix e Oberix, já que o sufixo *lix*, como final patronímico, não é usual. Mesmo assim, os autores preferiram Obelix. Esse personagem, parceiro de Asterix, é aquele gordão que carrega menires, obeliscos, daí o nome Obelix.

Uma pesquisa mais rigorosa no campo da linguística diacrônica, baseada nas línguas protocélticas, do gaulês e do gaélico, nos dariam uma amostragem mais precisa da arqueologia linguística desse nome. Muito provavelmente, o resultado de sua origem etimológica nos obrigaria a descartar o nome Allan Kardec como sendo de origem gaulesa ou “bretã”.

Todavia, se formos considerar outras fontes para a origem do pseudônimo de Denizard Rivail, este estudo ganha outros contornos.

Sobre esse pseudônimo, o sociólogo francês Jacques Lantier cita uma fonte extremamente consistente. Segundo ele, Paul Leymarie,⁷⁸ o qual conheceu pessoalmente, possuía um manuscrito de Rivail onde este esclarece a origem do nome Allan Kardec. Isto pode ser conferido em seu interessante livro *Le Spiritism (O Espiritismo)*, de 1971. Esta obra nos traz informações novas acerca da história do espiritismo europeu. Há uma tradução para o português, em uma edição lisboeta lançada pela “Edições 70”, em 1980. Diz ele:

⁷⁸ Paul G. Leymarie era filho de Pierre-Gaëtan Leymarie (1827-1901), médium e grande amigo de Denizard Rivail, que depois do passamento do mestre lionês, assumiu a gerência da *Revista Espírita* e tornou-se o personagem central, o réu condenado, no célebre “Processo dos Espíritos” (1875).

O Sr. Leymarie, editor e livreiro, na rua Saint-Jacques nº 32, herdeiro de Pierre-Gaëtan Leymarie, um dos pioneiros do espiritismo, fez-me saber que possuía um documento manuscrito de Allan Kardec, até hoje inédito, no qual este explica a “verdadeira” origem do seu pseudônimo:

Rollon, primeiro duque dos Normandos, no século IX, teve um filho que foi curado por um chefe de comunidade⁷⁹ que se chamava Allan Kardec.⁸⁰

Este dado é corroborado pelos escritores Hubert Larcher e Patrick Ravignat, em sua obra *Os Domínios da Parapsicologia*, onde afirmam que “os espíritos levaram-no (Rivail) a escrever um livro no qual após a assinatura de ‘Allan Kardec’ — nome de um dos seus antepassados, de origem viking, e companheiro do chefe Rolão.”⁸¹

Ora, no século 9 não existiam mais druidas, nem na Bretanha, muito menos em toda a França. Se houvesse algum, não seria nessa região, mas na Irlanda, no País de Gales ou mesmo na Escócia, países que se tornaram redutos celtas depois de Júlio César ter subjugado os gauleses e destruído sua cultura, isto em 52 a.C., conforme vimos anteriormente. Na região irlandesa, muitos druidas foram

⁷⁹ A separação entre público e privado só viria a se solidificar com o advento da burguesia. Na Idade Média, especialmente na Gália franca, a coisa pública (o *publicus*, na Roma antiga), era “a coisa do rei”, que nomeava seus agentes feudais para administrá-la. O chefe de comunidade (*chef de la communauté*), normalmente um magistrado, amiúde versado em várias áreas do conhecimento, o “senhor de um lugar”, era um agente do rei, do duque, do nobre senhor, uma espécie de ministro ou secretário de Estado.

⁸⁰ Jacques LANTIER. *O Espiritismo*. p. 62. (Grifo meu).

⁸¹ Hubert LARCHER & Patrick RAVIGNANT, *Os Domínios da Parapsicologia*, p. 122.

forçados a se converter ao cristianismo e tornaram-se monges cristãos. O que sobrou dessa esplendorosa cultura, os cristãos dizimaram ou assimilaram ao longo do tempo, como é o caso da arte gótica. Com o advento do cristianismo, os celtas, povo pagão segundo os cânones da Igreja, foram varridos do mapa.

Isto significa que Allan Kardec não é o nome de um druida. Provavelmente nunca existiu um druida com este nome. Kardec, pela grafia e fonética, aproxima-se mais das línguas nórdicas, como Cerdic, o grande líder saxão ou o lendário viquingue Eric, o Vermelho. O nome Kardec é, certamente, de origem viquingue, já que os normandos eram um povo bárbaro, também viquingue, que invadiu a França. Daí a origem do nome do território da Normandia, que passou a ser administrada pelo líder normando Rollon ou Rolão.

A história diz que a região da Normandia foi cedida em 911 pelo então rei Carlos III, o Simples, em um acordo vergonhoso. Carlos III era um monarca entreguista, de pouca fibra, pois devido ao pavor em ver a França invadida pelos bárbaros, fez acordo com um deles. Rollon converteu-se ao cristianismo, como parte deste acordo com Carlos III, que passou para a história como um rei fracote e conciliador.

Esse documento de Paul Leymarie, dentre outros, provavelmente o historiador espírita Canuto Abreu copiou, como ele mesmo declarou a Francisco Thiesen,

que foi presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB) de 1975 a 1990.⁸²

Tal fato nos leva a outras considerações. É possível que o fundador do espiritismo tenha criado esse pseudônimo da junção de **Allan**, alterado e derivado do gaélico, com **Kardec**, da língua nórdica, normanda, confirmando assim a declaração da médium Japhet. Ou então, o que parece ser mais provável, tomou o nome **Allan Kardec** de um antepassado bretão de sua mãe. Este antepassado teria sido ele mesmo: segundo Georges D’Heilly, como chefe de um clã bretão, no século 12; e segundo Lantier,

⁸² Canuto Abreu explica, através de uma carta a Francisco Thiesen, como se deu o contato pessoal com Paul G. Leymarie e os documentos de Rivail. Esta informação consta da nota 58 do cap. I, item 11 do volume II da biografia *Allan Kardec*, de Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, lançada pela FEB em três volumes. Os autores, inexplicavelmente, publicaram apenas esse pequeno trecho do manuscrito, cuja totalidade desconhecemos.

Segundo o escritor espírita Wallace Leal T. Rodrigues, uma parte dos manuscritos e pertences de Allan Kardec “veio ter ao Brasil, **onde estão fechados em caixa-forte**. Outros ficaram com o sr. Leymarie, — mais particularmente em sua livraria, em Paris. Depois foram levados, com alguns pertences de Kardec, — seu relógio de bolso etc. — para a Maison des Spirites, recentemente vendida. No correr do Congresso Espírita de 1925, — do qual vou me ocupar nesta tomada-de-vista (sic), — talvez o mais importante da História do Espiritismo, sei (por haver encontrado na estante de Caibar Schutel uma relação do que estava exposto) que esse relógio, outros objetos e papéis, ainda existiam e eram conservados. Depois veio a Segunda Grande Guerra, Paris foi ocupada pelos nazistas e as portas da Maison foram abertas a fim de que soldados ali se abrigassem. (...) Compreende-se que os alemães tenham alimentado as lareiras de Maison, com os livros de sua biblioteca, mas é incrível que as preciosidades ali existentes, tenham sido largadas para trás. Todavia, tudo isto fica para o pesquisador que chegar a Paris com tempo e dinheiro para as buscas necessárias.” (Grifo meu. Ver artigo in *Anuário Espírita* - 1973).

como chefe de comunidade no século 9. Por conseguinte, do ponto de vista etimológico, linguístico e, no caso, histórico, é impossível que tenha existido algum druida na face da Terra com o nome Allan Kardec.

Se for comprovada a existência histórica daquele “chefe de comunidade”, conforme a citação de Lantier ou mesmo do “chefe do clã bretão”, segundo Georges D’Heilly, a tese de que Allan Kardec tenha sido o nome de algum druida cai definitivamente por terra. Isto não quer dizer que Denizard Rivail não tenha sido um druida, em função das fontes existentes, bem como pelo chamado *argumento de autoridade*⁸³ de seus biógrafos, tanto quanto pela similaridade filosófica que há entre o espiritismo e o celtismo. É oportuno lembrar que em existências anteriores, segundo biógrafos e pesquisadores da história do espiritismo, o espírito Zéfiro, Denizard Rivail e Léon Denis foram druidas; e as irmãs Baudin e Ermance Dufaux, druidisas (ou druidesas).

Neste contexto, um fato que merece ser considerado é o da conquista da Inglaterra, em 1066, pelo bisneto de Rollon: Guilherme, o Conquistador. Ele tornou-se rei da Inglaterra e inaugurou uma dinastia vinculada genealogicamente aos viquingues normandos. As consequências culturais deste fato histórico se deram primeiramente na

⁸³ O *argumento de autoridade*, em filosofia e na jurisprudência, é a proposição de uma suposta verdade, baseada na credibilidade do autor. Ela não se fundamenta em fatos, mas na opinião e na declaração de alguém considerado probo e acima de qualquer suspeita. É denominada, em latim, de *argumentum magister dixit* ou *argumentum ad verecundiam*.

língua. Os normandos assimilaram o idioma francês e o levaram ao novo país conquistado. Com a consequente decadência da cultura anglo-saxônica, houve com isto uma natural predominância da cultura normanda e o surgimento, nas artes e em toda a produção cultural, do que se convencionou chamar de cultura anglo-normanda, num processo definidor do futuro idioma inglês, tanto quanto da cultura inglesa.

É um componente histórico que confirma o surgimento do nome Allan na terra dos bretões (atual Grã-Bretanha), advindo das tradições nórdicas, portanto viquingues. Isto nos leva, sem sombra de dúvida, a concluir em definitivo que **o nome Allan Kardec nunca poderia ser estritamente de origem céltico-gaulesa, tanto pela morfologia como pela sua etimologia. Trata-se de um nome de origem normanda ou anglo-normanda.** Esta hipótese conclusiva confirma a epígrafe ⁸⁴ deste capítulo.

⁸⁴ Essa epígrafe foi extraída de uma mensagem psicofônica atribuída ao espírito de Allan Kardec, cujo conteúdo é uma enquete a ele proposta por Léon Denis, em 22 de maio de 1926. Trata-se da mensagem nº 4, intitulada *Celtas e Atlantas*. A autenticidade desta e de outras mensagens mediúnicas, ditadas pelo espírito do fundador do espiritismo (treze, ao todo), são confirmadas por Denis, quando explica que a fonte mediúnica era “uma pequena criança procedente de pais modestos, tudo ignorando sobre o espiritismo”. Ver *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, cap. XIII, Mensagens Devidas aos Invisíveis.

9. DIA DOS MORTOS: DOS CELTAS AO KARDECISMO

*“Os Espíritos acodem nesse dia ao chamado
dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos”
(O Livro dos Espíritos – q. 321)*

O hábito de se comemorar datas, aniversários, efemérides as mais diversas, é bastante recente. Na Idade Média não se comemorava o nascimento das pessoas, certamente em função da altíssima taxa de mortalidade infantil. Por sua vez, a percepção do tempo, do passar dos anos e séculos, em termos cumulativos, quantitativos e aritméticos surge com a Idade Moderna e se cristaliza no período de florescimento do Iluminismo.

Somente a partir do século 19 é que o hábito de se comemorar o nascimento de alguém, datas nacionais, cívicas, tornou-se comum. As datas religiosas, as comemorações de santos padroeiros, do nascimento e ressurreição do Cristo, tiveram então de dividir o calendário com efemérides mais profanas, laicas.

No movimento kardecista brasileiro observa-se uma série de datas comemorativas: nascimento e desencarnação de Allan Kardec; lançamento de *O Livro dos Espíritos*; lembrança de personalidades kardecistas bastante conhecidas, onde a figura do médium mineiro Chico Xavier (Francisco Cândido Xavier) se destaca.

Todavia, no século 19, a única data que os kardecistas comemoravam era o Dia de Finados, o Dia das Almas ou Dia dos Fiéis Defuntos, após o Dia de Todos os Santos, em 2 de novembro, conhecido também como o Dia dos Mortos.

Para justificar a instituição do Dia dos Fiéis Defuntos, do ponto de vista litúrgico, a Igreja Católica se fundamenta em uma passagem bíblica do segundo livro dos Macabeus: “é um pensamento santo e salutar orar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados” (12:46). Os religiosos judeus, os Testemunhas de Jeová, as igrejas reformadas e os pentecostais (evangélicos) que não aceitam esse livro do Velho Testamento por não ter sido, segundo eles, inspirado diretamente por Deus, pelo Espírito Santo, rejeitam tal comemoração como parte de suas festividades religiosas. Não admitem a comunicação dos vivos com os mortos, algo que, segundo eles, Deus abomina.

Todavia, segundo os católicos, as almas vão para o purgatório e, lá estando, necessitam de preces. Aliás, cabe lembrar, o conceito de purgatório foi instituído no período medieval por influência dos monges irlandeses, ex-druidas obrigados a se converter ao cristianismo. Como vimos, os druidas eram os grandes mestres dos celtas.

E segundo a tradição kardecista, Hippolyte Léon Denizard Rivail teria sido um druida na antiga Bretanha

Armoricana, conforme revelação de seus espíritos guias. Ou, segundo Léon Denis, um druida escocês.

Curiosamente, trata-se de uma data comemorativa de origem pagã. Melhor dizendo, de origem celta. De todas as civilizações do Velho Mundo, a celta é a mais antiga na celebração datada desse tipo de culto aos mortos. E, como sabemos, o espiritismo possui uma profunda vinculação com os celtas, os druidas, cujos ensinamentos eram verossímeis aos conceitos kardecistas, mediante a tradição oral e iniciática, consubstanciadas nas tríades bardas.

Uma das principais festividades celtas era o Samhain (o dia das almas), celebrado no início de novembro, fim do verão. Os celtas acreditavam que esse período se constituía numa espécie de abertura transcendental, de um portal entre os vivos e os mortos. Os druidas, obviamente, eram os mestres desse cerimonial.

Halloween e O Dia dos Mortos - O Halloween (31 de outubro), o chamado Dia das Bruxas, muito celebrado nos Estados Unidos, é uma herança desses festejos celtas. Assim como o Dia de Todos os Santos (1º de novembro), instituído no século 7 pelo papa Bonifácio IV, bem como o Dia dos Mortos (2 de novembro), admitido pela Igreja somente no século 10.

No México, a mesma data, por influência dos antepassados autóctones, é comemorada na popular Festa do Dia dos Mortos. A história das culturas pré-colombianas nos informa que os astecas, os maias, bem como os taras-

cos, nauas e totonacas (povos contemporâneos dos maias e astecas) praticavam o culto aos mortos. Trata-se de uma efeméride festiva e bastante animada, tombada pela Unesco como patrimônio da Humanidade, com eventos, procissões curiosas, semelhantes ao carnaval, mas com máscaras lúgubres, fantasias e adereços soturnos que simbolizam a morte. Segundo os mexicanos, nessa data os mortos nos visitam e, portanto, devem ser recebidos com muita folia, com bastante alegria.

Celebrada também na América Central e no sul dos Estados Unidos (por influência mexicana), o Halloween foi uma comemoração considerada pagã, profana no período medieval e, posteriormente, adaptada, incorporada à grade comemorativa do cristianismo católico. Trocando em miúdos, foi uma festa celta que, por força das circunstâncias históricas, culturais e sociais, a Igreja Romana se viu forçada a oficializar.

Interessante notar a atitude marginal, *sui generis* dos kardecistas no século retrasado em relação ao Dia de Finados. É um dia fúnebre, cinzento, ainda que esteja ensolarado, impregnado pelo clima de tristeza, de recolhimento e também de sofrimento para os que ainda estão aqui neste mundo, com saudades e lembranças de seus entes queridos. Enquanto isto, os kardecistas dessa época realizavam festejos. Para eles era um dia comemorativo, de júbilo, de confraternização, significando com aquela tertúlia, um encontro de almas encarnadas, a convicção e a celebração da imortalidade do ser, da vida após a mor-

te. Um momento festivo, que tinha a sua continuidade na forma de banquete confraternizativo.

Na *Revista Espírita* (dez. 1860) há um curioso registro de uma sessão comemorativa do Dia dos Mortos realizada pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), em 2 de novembro. Allan Kardec formula as seguintes perguntas ao espírito Charles Nodier sobre a efeméride:

1. Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente?

Resp. Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2. Os Espíritos que, nesses dias, veem aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança?

Resp. Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! Essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto cai para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido: Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3. Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as ideias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar.

Resp. Também o quero.

Deus, criador do Universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem.

Segundo Allan Kardec, a comemoração dessa data, instituída a partir de 1860, segundo informações contidas na *Revista Espírita*, se justifica pelo que chamou de comunhão de pensamentos, onde os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. (...) Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; melhor explicamos o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas igualmente sabemos que se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que, como numa nuvem de perfume, se elevam para eles. (*Revista Espírita*, dez. 1864).

Não era uma assembléia de natureza religiosa. A convivência espírita e a ausência de rituais, de sacramentos ou mesmo de fórmulas mágicas conferiam a essas reuniões espíritas anuais uma característica não-religiosa, civil, laica.

Pois foi também em comemoração a esse dia especial que Allan Kardec pronunciou o famoso Discurso de Abertura, desta vez em 1º de novembro de 1868, na SPEE, em comemoração ao Dia dos Mortos. Nesse discurso, sob o título *É o Espiritismo uma religião?* Kardec discute a questão de a doutrina espírita ser ou não ser

uma religião, optando conclusivamente pelo seu caráter não-religioso: “Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.” (*Revista Espírita*, dez. 1868).

Como vemos na *Revista Espírita*, a comemoração do Dia dos Mortos passou a ser realizada a partir de 1860, mas de modo privativo somente na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Desde 1857, na intimidade, Allan Kardec considerava essa data. No entanto, a partir de 1864, a comemoração deixou de ser íntima, privativa, para se tornar um evento de caráter social, através de convocatória, discursos de encarnados e desencarnados, tradição que se manteve, ao menos na França, até o final do século 19.

Em 1878, conforme consta também na *Revista Espírita* (1878), o discurso em comemoração à data foi realizado por Pierre-Gaëtan Leymarie, que naquele ano, em particular, ao lado do túmulo de Allan Kardec. Leymarie, um dos mais fervorosos discípulos de Kardec assumiu, em 1871, a gerência da *Revista Espírita* e da livraria, tornando-se o grande auxiliar da viúva de Allan Kardec, Amélie-Gabrielle Boudet.

Apesar de sua avançada idade, Madame Allan Kardec demonstrava um espírito de trabalho fora do comum, fazendo questão de tudo gerir pessoalmente, cuidando

de assuntos diversos, que demandariam várias cabeças pensantes. Além de comparecer às reuniões espíritas, para as quais era convidada, todos os anos presidia à belíssima sessão em que se comemorava o Dia dos Mortos, e na qual, após vários oradores mostrarem o que em verdade significa a morte à luz do espiritismo, expressivas comunicações de espíritos elevados eram recebidas por diversos médiuns.

Um fato interessante a ser lembrado é o antigo costume do Samhain, na Bélgica, do preparo de bolos especiais para os mortos (bolos ou bolinhos brancos e pequenos). Comia-se um bolo para cada espírito de acordo com a crença de que quanto mais bolos alguém comesse, mais os mortos o abençoariam.

Essa reverência comemorativa aos mortos dos kardecistas franceses e belgas persistiu em sua tradição até o final do século e início do próximo. A viúva de Allan Kardec e o braço direito do Codificador, seu grande amigo Leymarie, prosseguiram com a tradição comemorativa iniciada em 1860. Com o tempo, até em função do crescimento do movimento fundado por Kardec e da história construída pelos kardecistas, as datas comemorativas foram se somando ao longo do tempo.

Desde que o espiritismo apareceu no Brasil e na América Latina, o Dia dos Mortos deixou de ser uma efeméride que reúna em comunhão os kardecistas, como o são as semanas espíritas e eventos comemorativos durante o mês de abril (lançamento de *O Livro dos Espíritos*)

e outubro (nascimento de Allan Kardec). Mas não deixa de ser um dia diferenciado dos demais, mesmo com a influência tenaz do cristianismo católico na mentalidade dos grupos sociais, entre eles, os kardecistas, cuja data é motivo de reverência, saudade e respeito aos entes queridos, que partiram deste mundo físico para o mundo extrafísico.

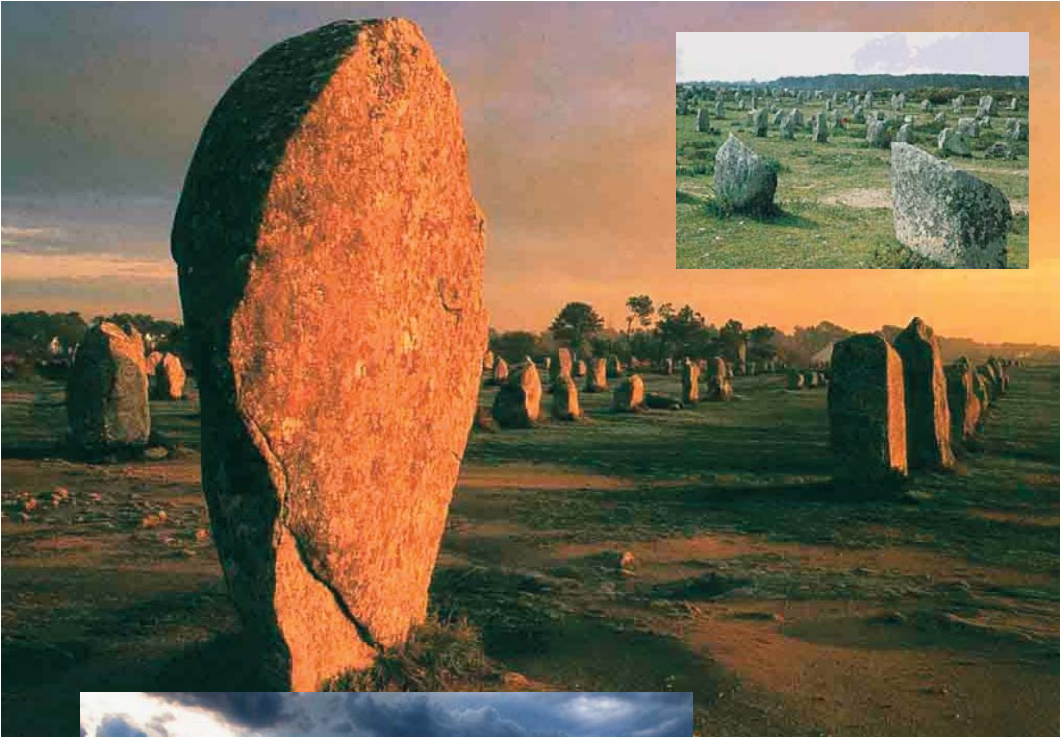
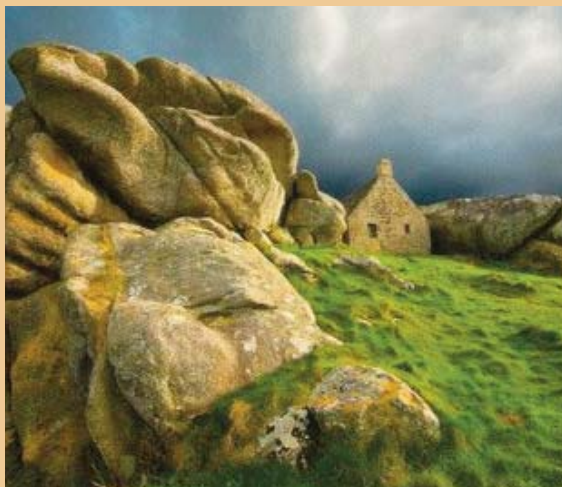


Foto Reprodução

Os menires de Carnac, assim como o Stonehenge na Inglaterra, são enigmáticas construções de pedra, usadas como observatório astronômico e celebração de rituais ministrados pelos sacerdotes druidas.

A antiga Bretanha Armoricana, na França, é uma bela região peninsular, com encostas belíssimas, famosa por vários monumentos megalíticos, como o de Carnac, utilizados pelos druidas para vários rituais entre os celtas. Segundo revelação dos espíritos, foi nessa região que Rivail, o fundador do espiritismo, teve uma encarnação como um antepassado de sua mãe, possivelmente como druida. Essa região foi, por longo tempo, um reduto dos celtas, tanto na literatura como na música.





Dante Gabriel Rossetti



Guinevere com o Santo Graal, o Rei Arthur e uma representação gráfica medieval (à dir) de uma reunião dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Reprodução

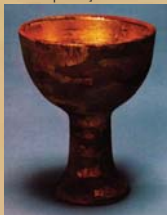


O Rei Arthur, das Brumas de Avalon, é um dos mitos célticos mais conhecidos em todo o mundo. Trata-se de uma representação mítica da fase de transição do antigo mundo celta, pagão ao novo mundo, o cristão. Os Cavaleiros da Távola Redonda, o adultério de Guinevere, sua esposa e a busca do Santo Graal, a fim de resgatar o poder e a glória de Avalon, constituem uma formidável epopéia que ainda permanece viva no coração dos amantes do romantismo celta.

Reprodução



Fotos Reprodução



Pietro Perugino - 1495



O templário Jacques de Molay, o último Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários.

Ferdinand Leeke



O cavaleiro Parcival.

Santo Graal, o cálice da Última Ceia, onde o essênio José de Arimatéia (no alto) teria recolhido o sangue de Cristo, após o golpe de misericórdia desferido pelo legionário Longinus, no Gólgota. Ao lado, representação gráfica de uma batalha dos Cavaleiros Templários.



A Ordem dos Cavaleiros Templários foi uma organização guerreira medieval surgida na Primeira Cruzada, cuja finalidade era proteger os cristãos dos mouros após a conquista de Jerusalém (1099), no século 12. Seus membros faziam voto de pobreza e castidade, eram monges guerreiros, iniciados, com amplo domínio das artes bélicas. Vestiam-se com mantos brancos estampados por uma cruz vermelha de Malta. Os maçons se dizem herdeiros dos Templários. Diz a lenda que esses monges teriam como finalidade a proteção e preservação do Santo Graal, símbolo céltico-cristão, que representaria a retomada do poder e glória da lendária Avalon, do Rei Arthur. O cavaleiro Parcival, da Távola Redonda, teria resgatado o cálice do Cristo, que se tornaria objeto de proteção dos Templários. O Santo Graal (sangue real) também seria a descendência de Jesus mediante o corpo de sua esposa, Maria Madalena, lenda vinculada à dinastia merovíngia, cujos representantes diziam-se descendentes dos reis de Tróia e do Cristo. Essa dinastia surgiu na Gália (atual França) ao tempo dos francos germânicos.



John Taylor - 1610

O mito de Tristão e Isolde ganhou mais uma versão para o cinema em 2006, sob a direção do cineasta inglês Ridley Scott.

Sir Edward Burne-Jones



Shakespeare foi influenciado pela lenda ao escrever a peça Romeu e Julieta. Ao lado, *O Último Beijo de Romeu em Julieta*, segundo o pintor italiano Francesco Hayez.



A lenda medieval de origem céltica, Tristão e Isolde, conta a história de um amor trágico e impossível entre o cavaleiro da Cornuália, Tristão e a princesa irlandesa Isolde. Em algumas interpretações, Tristão teria sido um cavaleiro da Távola Redonda, do Rei Arthur, em busca do Santo Graal. É um dos mitos de maior influência na cultura ocidental. Segundo a lenda, o casal teria se apaixonado após tomarem, por acidente, uma poção mágica.

Francesco Hayez - 1823





As tradições celtas sobrevivem até hoje através da música, tanto no trabalho de músicos tradicionais como de bandas pop contemporâneas inspiradas pelo folk e ritmos tribais, derivados da música celta, que se desenvolveu na antiga Europa Ocidental.

Fotos Reprodução



A canadense Loreena McKennitt e a harpa celta, o casal australiano do Dead Can Dance, os escoceses Incredible String Band com seus tradicionais instrumentos medievais e a irlandesa Enia: músicos empenhados no resgate da música celta



2º Encontro Medieval - Brasil



Vassil



As bandas brasileiras Terra Celta (acima) e Olam Ein Sof (à dir.) se inspiram na música celta, preservada por grupos tradicionais como o escocês Bagad Arduinn, com suas gaitas de fole, antigo instrumento musical muito usado pelos druidas bardos



O Dia dos Mortos, data celebrada pelos espíritos do século 19, tem sua origem nas tradições celtas, assim como o Halloween, nos Estados Unidos.



A mesma data é celebrada festivamente no México, na popular Festa do Dia dos Mortos, por influência da cultura pré-colombiana.



As famosas Catrinas mexicanas (no alto), personagens soturnas da Festa do Dia dos Mortos (à esq.). Acima, a tétrica cabeça de abóbora do Halloween e logo abaixo, um momento de comemoração do Dia de Finados, em um cemitério no Brasil.

10. OS PROLEGÔMENOS E OS CELTAS

*Nem se põe vinho novo em odres velhos;
do contrário, rompem-se os odres,
derrama-se o vinho e os odres se perdem.
Mas, põe-se vinho novo em odres novos
e ambos se conservam.”*

(Mateus 9:17)

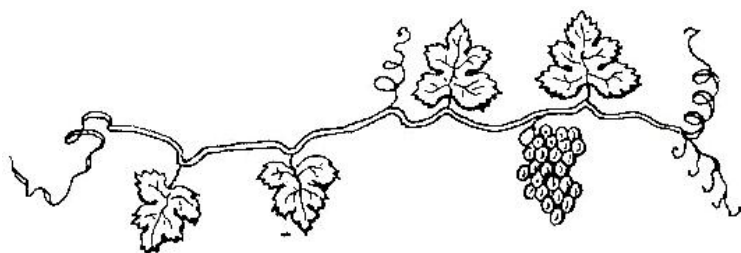
Na primeira obra de Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, há um curioso texto de apresentação intitulado Prolegômenos, intermediário entre a introdução e o livro propriamente dito. Poucos talvez tenham se dado conta da importância desse texto, espremido entre a apresentação de Rivail e a primeira questão sobre Deus.

Prolegômenos (ou prolegrômenos) é uma palavra de origem grega (proleghômena), normalmente usada em filosofia, na literatura ou em teologia. Sua função é demonstrar os objetivos de determinada obra, sua finalidade e princípios gerais. Contém as noções preliminares, fundamentais para a total compreensão de determinados pressupostos, das ideias básicas e de toda a argumentação que o leitor irá se deparar ao longo da leitura.

Trata-se de uma palavra erudita, sinônimo de prefácio, introdução, intróito, muito usual em tratados de filosofia, como na conhecida obra de Immanuel Kant, *Prolegômenos a Toda a Metafísica Futura*. Na teologia, notadamente a cristã, é quase sinônimo de teologia fundamental, introdutória à compreensão das verdades cristãs a respei-

to de Deus. Na literatura, prolegômenos tem a mesma função aplicada na filosofia, de inserir o leitor no universo literário, poético ou mesmo apologético que o autor pretenda expor.

Portanto, não foi à-toa que Rivail e os espíritos preferiram **prolegômenos** a prólogo, prefácio ou intróito, dentre outros termos aplicados na apresentação de qualquer obra. No caso, uma obra de caráter filosófico, moral e também teológico. Longe de ser arcaica e desatualizada, prolegômenos, apesar de inusual, é uma palavra precisa, exata: sintetiza todas as ideias compiladas por Rivail e os espíritos, anunciando assim ao leitor o conteúdo vindouro da obra.



O Símbolo do Espiritismo - O simpático e singelo desenho de uma cepa, um ramo de uva com as frutinhas e as folhas de parreira logo no frontispício da página, surpreende, pois ao contrário das filosofias esotéricas e religiosas, o espiritismo dispensa símbolos e paramentos. Todavia, esse desenho, provavelmente a primeira psicopicto-

riografia da história do espiritismo, funciona como um símbolo dessa nova filosofia espiritualista.

É um símbolo cheio de significados, dissecados pelos próprios autores desse fac-símile decorativo: “é ele o emblema do trabalho do Criador. Todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o espírito nele se encontram reunidos: o corpo é o ramo; **o espírito é a seiva**; a alma, ou o espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que não é senão pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.”⁸⁵

No Cristianismo - Uva, parreira e vinho são símbolos muito importantes, tanto no cristianismo como no judaísmo. Segundo o mito bíblico, após degustarem o fruto proibido da árvore da sabedoria, Adão e Eva, então libertos de sua ingenuidade intelecto-moral, esconderam sua nudez com a parreira, a folha da uva. E o primeiro milagre de Jesus de Nazaré se deu nas bodas de Canaã, ao operar a transformação da água em vinho, a fim de garantir a alegria dos convidados. E lembremos do milagre da transubstanciação, que segundo a teologia católica, converte o vinho no sangue do Cristo, do Cordeiro de Deus, ritual de consagração ainda hoje celebrado em toda missa católica, a fim de relembrar a sua memória, através do vinho e da óstia, o corpo do Cristo.

⁸⁵ *O Livro dos Espíritos* - Prolegômenos (Lake) – tradução de Herculano Pires.

Todavia, na bíblia, a menção ao vinho nem sempre está vinculada à alegria, à celebração. Há também casos de perversão, associados ao sexo e a excessos de todo tipo.

Curiosamente, Canaã era o nome do filho de Cam, amaldiçoado por Noé, que ficou furioso quando soube que ele viu a sua nudez provocada pelo consumo de vinho em excesso. Os outros dois irmãos, Sem e Jafé, cobriram a nudez do pai que, por ser lavrador, havia plantado a vinha de onde produziu o vinho, logo em seguida ao pacto celebrado com Deus após o dilúvio. A bebedeira de Noé talvez tenha sido o primeiro porre da história. (Gênesis 9:20-25). ⁸⁶

Depois da destruição de Sodoma e Gomorra, há um caso de incesto entre Ló e suas duas filhas. Preocupadas com a descendência da família, as duas embebedam o pai com vinho, deitam-se com ele, cada uma delas em dias intercalados e engravidam. Dessa união incestuosa nasceram Moabe e Bem-Ami. (Gênesis 19:31-36).

Por outro lado, foi com uma taça de vinho que o sacerdote Melquisedeque, rei de Salem, abençoou Abraão, o grande patriarca hebreu (Gênesis 14:18-20). E conforme a descrição do profeta Isaías, Deus abençoou essa bebida como vemos nesta passagem: “Assim diz o SENHOR: Como quando se acha vinho num cacho de uvas, dizem: Não o desperdices, pois há bênção nele; assim farei por amor de meus servos e não os destruirei a todos”. (Isaías 65:8).

⁸⁶ As citações bíblicas foram traduzidas por João Ferreira de Almeida.

Na Grécia - Na cultura grega o vinho possuía um valor tão importante que havia um deus a ele consagrado: Dionísio ou Baco para os romanos, demonstrando um lado místico de sua devoção a essa bebida. Os filósofos gregos, além de apreciá-lo, também ministravam o vinho como remédio. E os simpósios gregos, cujo significado literal é beber em comunhão, eram reuniões para se tomar vinho em salas apropriadas, com divãs, onde o alegre convívio e a conversação giravam em torno de temas filosóficos. Tais colóquios eram constituídos por homens nobres e sábios, por filósofos e pensadores. A propósito, o Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, surgido em Santos por iniciativa do escritor espírita Jaci Regis, realizado desde 1989, não foge ao caráter primordial desse costume grego, pois é um evento voltado ao diálogo, ao debate e à reflexão no contexto da cultura espírita. E na abertura do evento, já é tradição a realização de um coquetel acompanhado de um bom vinho.

É uma das bebidas mais antigas da história da Humanidade. A Grécia, na Antiguidade, foi um dos maiores produtores e exportadores do vinho, bastante apreciado pelos celtas.

Na Cultura Celta - Nem só de cerveja e hidromel viviam os celtas, notórios bebedores. Eles também apreciavam o vinho, consumido principalmente pela elite guerreira e os druidas. Os príncipes da Bélgica celta eram normalmente enterrados com odres de vinho, o que demonstra que era uma mercadoria cara e de muito valor para eles.

Os celtas importavam o vinho dos gregos e também dos romanos. Resultantes de guerras intestinas, os escravos eram a principal moeda de troca, enquanto os celtas irlandeses preferiam trocá-lo por cães ferozes.

O barril, que até hoje serve para acondicionar o vinho, foi uma invenção dos celtas, grandes artífices no trato com a madeira. Os gregos e romanos, que utilizavam frágeis ânforas para transportar o vinho, adotaram definitivamente a técnica dos celtas no decorrer do século 3 d.C.

O vinho possuía uma representação simbólica de grande valor na cultura celta. Os arquidruidas utilizavam o vinho em seus rituais na floresta, junto aos carvalhos. A lenda céltica dos amantes Tristão e Isolda, que inspirou Shakespeare em Romeu e Julieta, começa com uma poção de amor depositada em uma taça de vinho. E o cálice do Santo Graal, da última ceia de Cristo e os apóstolos, tem sido objeto de mitos e lendas, desde o Rei Arthur aos Templários, como convém à antiga cultura mitológica dos celtas. A propósito, esse povo era bem mais antigo do que os judeus e os cristãos.

Tripé Filosófico - O espiritismo, mesmo não adotando simbologias esotéricas para a compreensão de seus princípios, do entendimento do homem e do mundo, possui um símbolo: a videira. Ela sintetiza três grandes correntes históricas do pensamento filosófico, o tripé que serviu como substrato, como raiz para a árvore conceitual da filosofia kardecista: a cultura céltica, a grega e a cristã, todas elas, precursoras do espiritismo.

Cabe lembrar que a Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) tem como símbolo a videira, aquela mesma que aparece no Prolegômenos, mas com um design mais arrojado. E, curiosamente, não por acaso, a abreviatura CEPA nos remete àquele singelo desenho feito pelos espíritos.

Allan Kardec colocou os cristãos e os gregos como precursores do espiritismo. Se os celtas não foram incluídos, não foi por esquecimento, mas por falta de maiores informações históricas e arqueológicas desse grande povo. Tivesse o fundador do espiritismo contato com as atuais descobertas arqueológicas, pouco desenvolvidas em seu tempo, ele certamente incluiria os celtas como pioneiros, como precursores de um conjunto de princípios como a imortalidade, a reencarnação e o desenvolvimento do ser em estágios evolutivos.

Essas ideias muito antigas, presentes na cultura de inúmeros povos da Antiguidade, especialmente entre os celtas, tomaram um novo corpo, ganharam uma feição teórica baseada na experimentação, na observação dos fenômenos medianímicos. Praticamente, não há nada de novo no espiritismo, a não ser a síntese, o formato e a maneira de encarar e interpretar fenômenos tão antigos quanto a Humanidade. No campo do espiritualismo, o espiritismo representa uma superação filosófica em relação às culturas cristã, grega e céltica.

11. APONTAMENTOS FINAIS

Ora, esta tradição que dormitava no fundo das consciências célticas desperta, sai da sombra dos séculos e se manifesta no mundo sob o nome de espiritismo.

(Léon Denis)

A originalidade, a profundidade e a influência do celtismo lhe granjeia o status de filosofia espiritualista. O espiritismo, como metáfora, é a reencarnação do pensamento celta. O conceito céltico da pluralidade das existências é profundamente evolucionista. Trata-se, sem exagero, da mais pura conceituação do fenômeno palinogenético de toda a Antiguidade. Nem nos Vedas ou no Bhagavad-Gita encontramos um conceito tão próximo do kardecista. O equívoco da metempsicose, certamente o resultado de uma ideologização do sistema de castas, manchou para sempre a beleza do reencarnacionismo hindu. O que nos autoriza a afirmar que o fatalismo reencarnatório, a lei palingenésica associada à pena de talião, manifestos na expressão carma, são completamente estranhos ao espiritismo.

A visão espírita da reencarnação não é cármica, é céltica. Ela também não é cristã, ainda que Jesus de Nazaré tenha ensinado a reencarnação, mas de forma reservada aos seus discípulos, como um pensamento esotérico. Pois o cristianismo, historicamente, e isto é o que vale, rejeitou a reencarnação e adotou o conceito pagão de ressurreição.

O druidismo serviu de adubo filosófico, de formação moral e mental para os nossos diletos druidas, Allan Kardec e Léon Denis. Ambos foram beber na fonte celta, que irrigou o solo francês e europeu com seu canto filosófico e deixou uma tradição impregnada de beleza e lirismo.

O respeito à dignidade e aos direitos da mulher, verossímil ao kardecismo, nos leva a concluir que de “bárbaro” o povo celta pouco tinha. Mesmo assim, foram chamados de bárbaros, pagãos, sem a menor cerimônia pelos romanos e cristãos. Os romanos destroçaram a organização celta e os cristãos, deram o golpe de morte, com a perseguição ideológica, amparada pela lei, tudo em nome do Cristo. Todavia, nenhuma civilização da Antiguidade valorizou tanto a mulher do que a celta, justificando aquela afirmativa dos espíritos de que **“a emancipação da mulher segue o processo da civilização; sua escravização marcha com a barbárie.”**⁸⁷

Assim como Sócrates e Jesus, os celtas não deixaram nada registrado, no entanto, influenciaram e influenciam até hoje todas as culturas. Pois o valor de uma civilização também se mede pelo seu legado cultural, pelas marcas indelévels no tempo e no espaço.

As divergências em relação à verdadeira origem do pseudônimo de Denizard Rivail não devem ser motivo para se ignorar a evidente afinidade entre o celtismo e o espiritismo. O nome Allan Kardec, seja celta ou norman-

⁸⁷ Allan KARDEC – *O Livro dos Espíritos*, q. 822-a.

do, bretão ou gaulês, tornou-se consagrado. Ele funciona quase como sinônimo de espiritismo, a ponto deste ser conhecido também como kardecismo, de modo que ao denominarmos a doutrina espírita de doutrina kardecista, apenas reafirmamos a dimensão humana de Rivail e o seu verdadeiro papel na sua construção, como fundador e elaborador de um singular sistema filosófico-espiritualista de pensamento.

Como vimos, a tradutora de sua obra espírita, Anna Blackwell, afirmou que o nome Allan Kardec teve sua origem num antepassado bretão da família de sua mãe. Ela, que conheceu o casal Rivail na intimidade, frequentou sua casa e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, não teria inventado esta informação.

Por enquanto, não temos maiores dados biográficos sobre a mãe de Rivail. Segundo Anna, era uma mulher de uma beleza admirável. Em um estudo mais aprofundado, o levantamento de sua árvore genealógica talvez desaguisse no antepassado citado pela tradutora inglesa.

Todavia, ficam ainda em nossa mente as seguintes questões: E se a mãe de Rivail teve realmente um antigo antepassado na Idade Média, com o nome de Allan Kardec, presumidamente normando em sua descendência, mas originário da Bretanha? E se aquele Allan Kardec, normando, que teria curado o filho do conquistador Rollon, existiu realmente e tivesse sido aquele antepassado da mãe de Rivail? E se este antepassado, ainda que não fosse propriamente um druida, tivesse tido contato com as reminis-

cências célticas, ainda presentes na Bretanha, na Normandia e em todo o solo francês? Não sabemos...

Longe de desvalorizá-lo, a especulação acerca do pseudônimo Allan Kardec reafirma a dimensão humana de Rivail, desvinculando-o de qualquer mito que surja para embaçar ou embaralhar a compreensão de sua trajetória como educador, pesquisador e homem de visão que foi. Sua genialidade é constatada e garantida pela leitura e estudo de sua obra, ainda que os espíritas sintam-se embriagados pelo mito do revelador, do messias, que o transformou no Codificador, no criador de um suposto sistema religioso, um formato sofisticado de cristianismo, mais conhecido como “a religião dos espíritos”.

O vínculo existencial de Denizard Rivail com o celtismo engrandece o espiritismo e lança uma nova luz sobre a natureza dessa bela filosofia que, de certo modo, resgata os ensinamentos célticos, imersos em toda a obra kardequiana.

E se ainda existissem, os druidas seriam considerados os primeiros ecologistas, pelo seu profundo amor e respeito à natureza, aos seres e às coisas. Eles nos deixaram uma lição que ficou gravada nos cantos bárdicos, nas tríades, nos mitos e lendas de uma civilização muito antiga e admirável; no delicado e plangente som da harpa céltica, a reproduzir toda a sensação de se entranhar no meio ambiente, e tirar dali não somente o sustento, como também, um profundo ensinamento filosófico, um sentido para a própria vida.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Canuto - *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*, 2ª ed. São Paulo-SP, Edições LUF [1996].

ABREU FILHO, Júlio - *Biografia de Allan Kardec*, in *Principiante Espírita*, 7ª ed. São Paulo-SP, Pensamento [1993].

ALBERRO, Manuel - *Los Pueblos Celtas del Noroeste de la Península Ibérica* artigo in revista Anuario Brigantino 1999, nº 22, pp. 49-70, Galícia [1999].

AKSAKOF, Alexandre - *Researches on the Historical Origin of the Reincarnation Speculations of French Spiritualists*, artigo in The Spiritualist Newspaper, Londres, Inglaterra [1875].

AMBELAIN, Robert - *As Tradições Celtas*, 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Objetiva [1991].

ARMOND, Edgard - *Os Exilados da Capela*, 23ª ed. São Paulo-SP, Aliança [1987].

ARIÈS, Philippe e **DUBY**, Georges – *História da Vida Privada*, vol. 2 – *Da Europa Feudal à Renascença*, 1ª ed. trad. Maria Lucia Machado, São Paulo-SP, Companhia das Letras [1990].

BARROS, Maria Nazareth Alvim de - *Uma Luz Sobre Avallon - Celtas & Druidas*; 1ª ed. São Paulo-SP, Mercuryo [1994].

BELL, Maurice - *Druidas, Heróis e Centauros*, 1ª ed. Belo Horizonte-MG, Itatiaia [1958].

BLACKWELL, Anna - *Translator's Preface*, in *The Spirits' Book*, 5ª ed. trad. Miriam de Domênico Rodrigues, Rio de Janeiro-RJ, FEB [1986].

BREKILIEN, Yann - *Celtas: 2.500 Anos de Celtitude*, artigo in revista História Viva - ano I, nº 7 - maio de 2004 - São Paulo-SP - Editorial Duetto [2004].

CAMPOS, Viviana - *El Mágico Mundo de los Celtas*, 1ª ed. Buenos Aires, Argentina, Ed. Grijalbo [2003].

CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS - *A Desencarnação de Léon Denis*, 1ª ed. trad. José Jorge, Rio de Janeiro-RJ, CELD [1986].

CESAR, Caio Julius - *Comentários (De Bello Gallico)* - 1ª ed. trad. Francisco Sotero dos Reis - Edições Cultura - São Paulo-SP [2001].

COMMELIN, P. - *Mitologia Grega e Romana*; 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Ediouro [s/d].

CHALLAYE, Félicien - *Pequena História das Grandes Religiões*, 1ª ed. São Paulo-SP, Ibrasa [1962].

DELANNE, Alexandre - *Comment Allan-Kardec - fut amené à s'occuper de spiritisme*, artigo in Le Spiritisme, maio de 1888 – Paris, França [1888].

DENIS, Léon - *O Grande Enigma*, 6ª ed. s/trad. Rio de Janeiro-RJ, FEB [1980].

- *Joana D'Arc (Médium)*, 11ª ed. trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro-RJ, FEB [1984].

- *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, 1ª ed. trad. Cícero Pimentel, Rio de Janeiro-RJ, Edições CELD [1995].

- *Depois da Morte*, 13ª ed. trad. João Lourenço de Souza, Rio de Janeiro-RJ, FEB [1986].

- *O Mundo Invisível e a Guerra*, 1ª ed. trad. José Jorge, Rio de Janeiro-RJ, Edições CELD [1995];

FERNANDES, João Azevedo - *O Álcool e as Trocas Culturais na Antiguidade Europeia*, artigo in Revista Cantareira nº I, v. II, ano III - março/julho de 2005 - periódico eletrônico da Universidade Federal Fluminense - URL: www.historia.uff.br/cantareira

FERNANDES, Washington Luiz - *Anna Blackwell* - artigo in revista Reformador, março de 2008, Rio de Janeiro-RJ, FEB [2008].

FONTRODONA, Mariano - *Los Celtas y sus Mitos*, 1ª ed. Ed. Bruguera SA - Espanha [1978].

GERENSTADT, H. - *Avalon e o Graal - e outros Mistérios Arthurianos*, 1ª ed. São Paulo-SP, Madras Editora Ltda. [2002].

GOIDA - *Enciclopédia dos Quadrinhos*, 1ª ed. Porto Alegre-RS, L&PM [1990].

GOMBRICH, E. H. - *A História da Arte*, 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Zahar [1979].

GORBEA, Martín Almagro - *Los Pueblos Celticos Peninsulares* in Las Guerras Cántabras - coord. M. A. Gorbea, J.M. Martínez, M. Reddé, J. G. Echegaray, J. L. R. Sádaba, E. J. P. Labrador, ISBN 84-87678-81-5 , págs. 17-64 [1999].

GRANJA, Pedro - *Afinal, Quem Somos?* 2ª ed. São Paulo-SP, Brasiliense [1948].

GRIJÓ, Gláucio C. - *Kardec, Os Druidas e o Espiritismo*, in Abertura - Jornal de Cultura Espírita, outubro, Licespe [1995].

GRIMBERG, Carl - *História Universal, vol. 9*, 1ª ed. São Paulo-SP, Editora Azul [1989].

HINNELLS, John R. - *Dicionário das Religiões*, 1ª ed. São Paulo-SP, Círculo do Livro [1984].

INARDI, Massimo - *A História da Parapsicologia*, trad. A.J. Pinto Ribeiro, 1ª ed. Lisboa, Portugal - Edições 70 [1979]

JOHNSON, Hugh - *A História do Vinho* - trad. Hildegard Feist, 1ª ed. São Paulo-SP - Companhia das Letras [1999].

JORGE, José - *Allan Kardec no Pensamento de Léon Denis*, Rio de Janeiro-RJ, CELD [1978].

JUBAINVILLE, H. D'Arbois de - *Os Druidas: Os Deuses Celtas com Formas de Animais*, 1ª ed. trad. Julia Vidili, São Paulo - SP Ed. Masdras [2003].

KARDEC, Allan - *O Livro dos Espíritos*, 41ª ed., trad. J. H. Pires, São Paulo-SP, LAKE [1982].

- *A Gênese*, 20ª ed., trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro-RJ, FEB [1978].

- *O Que é o Espiritismo*, in *Iniciação Espírita*, 5ª ed. São Paulo-SP, Edicel [1979].

- *Obras Póstumas*, trad. Sylvia M. P. da Silva, 2ª ed. São Paulo-SP, LAKE [1979].

- *Revista Espírita*, trad. Júlio Abreu Filho, s/ed. São Paulo-SP, Edicel [s/d].

- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 16ª ed., trad. J. H. Pires, São Paulo-SP, LAKE [1978].

KRUTA, Venceslas - *Os Celtas*, 1ª ed., trad. Álvaro Cabral, São Paulo-SP, Martins Fontes [1989].

LAMY, Michel - *Os Templários - Esses Grandes Senhores de Manto Branco*, 4ª ed. Notícias Editorial, Lisboa, Portugal [s/d].

LARA, Eugenio, *À Guisa de Introdução: Os Celtas e o Espiritismo* in anais do V Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, 1ª ed. Santos-SP, Licespe [1997].

LARCHER, Hubert & **RAVIGNANT**, Patrick - *Os Domínios da Parapsicologia* - trad. Margarida Schiappa e Francisco Agarez, 1ª ed. - Lisboa, Portugal - Edições 70 [1972].

LARES, Vitor Soares - *A Imortalidade da Alma: o "Outro Mundo" Céltico, Mito e Rito Funerário* in revista *Brathair* 4 (2), 2004: 86-96 do Grupo de Estudos Celtas e Germânicos
URL: <http://www.brathair.cjb.net>

LORRIO, Alberto J. - *Los Celtiberos: Etnia y Cultura*, tese de doutorado in Universidad Complutense de Madrid. Espanha [1995].
URL: <http://eprints.ucm.es/tesis/19911996/H/0/AH0028301.pdf>

LUCE, Gaston - *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*, trad. José Jorge, 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Edições CELD [1989].

MACCULLOCH, J.A. - *The Religion of the Ancient Celts* - 1ª ed. T & T Clarck - Edinburgh, London [1911].

MARKALE, Jean - *A Grande Epopéia dos Celtas-I - Os Conquistadores da Ilha Verde* - Trad. Jorge Chichorn, 2ª ed. - Lisboa, Portugal - Ed. Ésquilo [2000].

MENEZES, Bezerra - *A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica*, s/ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB [s/d].

MONTEIRO, Eduardo Carvalho - *Allan Kardec (o Druida Reencarnado)*, 1ª ed. Capivari-SP, Eldorado/EME [1996].

PIRENNE, Henry – *As Cidades da Idade Média*, trad. Carlos Montenegro Miguel, 3ª ed. Portugal - Col. Saber - Publicações Europa-América, nº 51 [1973].

PIRES, J. Herculano - *O Centro Espírita*, 1ª ed. São Paulo-SP, Paidéia [1980].

- *O Espírito e o Tempo*, 4ª ed. São Paulo-SP, Edicel [1982].

- *O Infinito e o Finito*, 1ª ed. São Paulo-SP, Correio Fraterno [1984].

PLACE, Robin - *Os Celtas* - col. Povos do Passado, trad. Aulyde Soares Rodrigues, 13ª ed. São Paulo, Melhoramentos [2000].

POWEL, T. G. E. - *Os Celtas*, col. Historia Mundi, vol. 1. trad. Rodrigo Machado, 1ª ed., Lisboa-Portugal, Editorial Verbo [1965].

QUINTELLA, Mauro - *Allan Kardec, o Chefe Druida*, in edição nº 89 do jornal bimensal A Voz do Espírito, janeiro/fevereiro [1998].

REYNOLDS, Roberto Rosaspini - *Mitos y Leyendas Celtas*, 1ª ed. Buenos Aires, Argentina - Ediciones Continente [1999].

ROCHA, Ana Augusta - *Nas Brumas de Avalon*, artigo in revista *Os Caminhos da Terra*, 02/95, p. 20, São Paulo-SP, Editora Azul [1995].

RUTHERFORD, Ward - *Os Druidas*, trad. José Antonio Ceschin, 1ª ed. São Paulo-SP, Mercurio [1992].

SAUSSE, Henri - *Biografia de Allan Kardec*, 2ª ed. trad. Torrieri Guimarães, São Paulo-SP, LAKE [1975].

SILVA, Pedro - *História e Mistérios dos Templários*, 1ª ed. Ediouro - Rio de Janeiro-RJ [2001].

SOLANA, Manuel Yáñez - *Los Celtas* - Serie Enigmas de La Historia - s/ed., M.E. Editores, S.L. Espanha [1996].

UPJON, Everard M., **WINGERT**, Paul S. & **MAILER**, Jane Gaston - *História Mundial da Arte*, vol II, 1ª ed. São Paulo-SP, Difel & Círculo do Livro [1975].

VON DÄNIKEN, Erich - *Eram os Deuses Astronautas?*, 28ª ed. São Paulo-SP, Melhoramentos [1978].

WANTUIL, Zeus - *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB [1978].

WANTUIL, Zeus & **THIESEN**, Francisco - *Allan Kardec - Pesquisa Bibliográfica e Ensaios de Interpretação* 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB [1982].

WELLS, H. G. - *História Universal*, vol. 3, 9ª ed. São Paulo-SP, Edigraf [1972].

WILCOX, Peter e **McBRIDE**, Angus - *Gallie and British Celts*, 4ª ed. Reed international Books Ltda. - Londres [1988].

Edições Digitais da Biblioteca Nacional da França - URL: <http://gallica.bnf.fr>

BERTRAND, Alexandre - *Archéologie celtique et gauloise - mémoires et documents relatifs aux premiers temps de notre histoire nationale*, 1ª ed. Paris, França - Librairie Académique [1876].

BERTRAND, Alexandre e **REINACH**, Salomon - *Les Celtes, Dans les Valles du Pô et du Danube* - s/ed. Paris, França - ed. Ernest Leroux [1894].

DOTTIN, Georges - *La Religion des Celtes* - s/ed. Paris, França - Librairie Bloud & Cie. [1904].

HUBERT, Henri - *Les Celtes et L'Expansion Celtique Jusqu'à L'Époque de la Tène* - 1ª ed. Paris, França - La Renaissance du Livre [1932].

JUBAINVILLE, H. d'Arbois de - *Cours de Littérature Celtique - La Civilisation des Celtes et Celle de l'Épopée Homérique* - s/ed. Paris, França - A. Fontemoing [1899].

LE SAINT, L - *La Bretagne Ancienne et Moderne*, 2ª ed. Limoges Ed. Eugène Ardant - França [1883].

LYVRON, Louis de - *Vercingétorix*, 1ª ed. - Paris, França Ed. Alphonse Lemerre [1869].

PELLOUTIER, Simon - *Histoire des Celtes, et particulièrement des Gaulois et des Germains*, s/ed. Alahate - Paris, França [1740].

VILLEMARQUÉ, Théodore Hersart de La - *Essai Sur L'Histoire de la Langue Bretonne des Idiomes Bretons et Gaëls* - 1ª ed. L. Prud'Homme, Paris - França [1847].

Sites consultados:

Brathair - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos

URL: <http://www.brathair.cjb.net>

Behind the Name - The Etymology and History of First Names

URL: <http://www.behindthename.com>

House of Names – Dicionário etimológico

URL: <http://www.houseofnames.com>

Psypionner, revista de estudos psíquicos in Woodlands Sanctuary Foundation

URL: <http://www.woodlandway.org>

PENSE – Pensamento Social Espírita

URL: <http://www.viasantos.com/pense>

Decodificando O Livro dos Espíritos

URL: <http://decodificando-livro-espiritos.blogspot.com>

Wikipédia - A Enciclopédia Livre

URL: <http://wikipedia.org>

Eugenio Lara é arquiteto e designer gráfico, editor do site PENSE - Pensamento Social Espírita e membro-fundador do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita - CPDoc.